PUC

JESUS GARCIA PASCUAL

RECASAMENTO: UM ESTUDO DAS DIMENSÕES DE INDIVIDUALIDADE E CONJUGALIDADE

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

RIO DE JANEIRO, 1990

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
RUA MARQUÊS DE SÃO VICENTE, 225 – CEP 22453
RIO DE JANEIRO – BRASIL

Jesus Garcia Pascual

RECASAMENTO: UM ESTUDO DAS DIMENSÕES DE INDIVIDUALIDADE E CONJUGALIDADE

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Terezinha Féres Carneiro

Departamento de Psicologia

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, 1990

UC 31106-1

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
BIBLIOTECA
1485
170470
48594

150
G216r
TESE UC

A meus pais, com quem aprendi as primeiras lições de vida em comum.

A Mary, minha esposa, pelo que ela representa de estímulo para continuar aprendendo a difícil arte de con-viver.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos:

- À CAPES pela ajuda financeira.
- Aos professores.
- A Terezinha Féres Carneiro, orientadora desta dissertação de mestrado, que soube combinar magnificamente amabilidade no trato e rigor científico na pesquisa.
- Aos Diretores dos Colégios, às Orientadoras Educacionais e a todos os que ajudaram no recrutamento das pessoas entrevistadas.
- As pessoas que gentilmente concordaram em ceder seu tempo e sua vivência para obter os dados desta pesquisa.
- À Neiva, pelo incentivo no início deste trabalho.

RESUMO

O objetivo central deste trabalho é investigar a relação entre as dimensões de individualidade e de conjugalidade no recasamento.

Ser um casal sem perder a identidade pessoal é um desafio que está presente a todo momento na vida conjugal. Manter equilíbrio entre a individualidade e a conjugalidade não é tarefa fácil.

O interesse pelo tema decorre do grande número de pessoas que hoje vivem com um segundo parceiro.

Os dados da pesquisa foram obtidos através de entrevistas semi-estruturadas com pessoas recasadas, de classe média carioca.

Os resultados deste trabalho mostram que há diferenças significativas na vivência das dimensões de individualidade e de conjugalidade no casamento e no recasamento.

A relação conjugal no casamento se caracteriza pela presença maciça de atitudes individuais e conjugais polarizadas, ou seja, ora os cônjuges estabelecem limites rígido entre si, ora se misturam no eu conjugal, onde desaparecem as fronteiras das duas individualidades.

No recasamento diminuem algumas das características que a individualidade e a conjugalidade apresentam no casamento: a rigidez da preservação e a estereotipia dos papéis. Os cônjuges preservam suas qualidades sem esquecer as do parceiro. O eu conjugal, no recasamento, surge como resultado da in

teração do eu de cada cônjuge.

Consideramos que essas conclusões são úteis no campo de terapia conjugal no sentido de ressaltar as diferenças existentes na dinâmica conjugal do casamento e do recasamento, diferenças essas que devem ser levadas em conta no atendimento a estes dois grupos de casais.

ABSTRACT

The main objective of this work is to investigate the relationship between individuality and conjugality in re-marriage.

To be a couple without losing personal identity is a challenge that is present in every instant of conjugal life. To maintain equilibrium between individuality and conjugality is not an easy job.

The interest in this theme is due to the great number of people who live today with a second partner.

The data of this research was obtained through semi-structured interviews with re-married persons, of the carioca middle dlass population.

The results of this research show the significant differences in the experiences of individuality and conjugality in marriage and re-marriage.

The marital relationship is characterized by a strong presence of polarized individual and conjugal attitudes, where both partners either create rigid limits between themselves, or mix themselves in a marital self to the point where the boundaries of the two individualitie vanish.

Two of the characteristics of individuality and conjugality, namely: rigidity and preservation of stereotyped patterns, that appear in marriage, are present in a lessened form in re-marriage.

The marital self, in re-marriage, results out of interaction of each partners ego.

We consider these conclusions useful for marital therapy as they point out to existing differences of marital dynamics in marriage and re-marriage; these differences need to be taken into account in the treatment of these two Kind of groups of couples.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO. 1

I - O RECASAMENTO: VISÃO GERAL. 5

a) A institucionalização do recasamento 5

b) As dimensões de aliança e sexualidade. . . . 8

c) A complexidade do sistema familiar 10

d) A incidência de recasamento na época atual . 11

II - INDIVIDUALIDADE E CONJUGALIDADE 13

a) O eu individual. 13

b) O eu conjugal. 18

III - OBJETIVOS DO TRABALHO 43

IV - METODOLOGIA 44

a) Sujeitos 44

b) Levantamento dos dados 46

c) Categorias temáticas 46

V - ANÁLISE DOS DADOS 52

VI - CONCLUSÕES. 66

ANEXOS. 71

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. 85

INTRODUÇÃO

O tema central deste trabalho é investigar a relação entre a individualidade e a conjugalidade no recasamento.

Ser um casal sem perder a identidade pessoal é um desafio que está presente a todo instante na vida conjugal. Manter o equilíbrio entre a individualidade e a conjugalidade não é tarefa fácil, pois individualidade em excesso é sinônimo de egocentrismo, assim como o predomínio absoluto da conjugalidade transforma a relação numa fusão despersonalizante.

Se entendermos a interação conjugal como o resultado do encontro entre a individualidade e a conjugalidade, teremos, basicamente, três tipos de dinâmica.

O tipo de dinâmica que privilegia a dimensão de conjugalidade remete a valores tais como doação, entrega, renúncia ao próprio prazer para fazer feliz o outro. Nesse modelo, geralmente um dos parceiros abre mão da sua individualidade em prol da união e do bem-estar do casal e da família. A anulação pessoal para "salvar" o casamento é vista como um valor importante. O casal modelo é aquele que permanece *junto* até o fim da vida, mesmo que esteja *separado* internamento há muito tempo.

Quando duas pessoas se unem em matrimônio, fazem-no sob o vínculo indissolúvel do "até que a morte nos separe". E, enquanto esta não vem, alguns casais procuram outras formas de manter o solene juramento, mesmo que seja a preço de traição, de vida dupla ou mesmo da renúncia à própria felicidade. Qualquer solução é menos dolorosa do que enfrentar a marginalização da sociedade.

Existe uma segunda dinâmica conjugal baseada na preservação da individualidade dos cônjuges.

Com a chegada da década de 60, iniciou-se uma revolução cultural na sociedade ocidental. Revolução leva consigo rupturas que modificam a relação do homem com o meio. A história está repleta de exemplos. As descobertas de Galileu modificam a relação do homem com o cosmos; Darwin introduziu uma nova maneira de o homem se inserir no reino animal, depois de Marx, a relação capital-trabalho modificou-se e, no início do século XX Freud apresentou uma nova maneira de o homem se relacionar consigo mesmo.

Essa revolução cultural dos anos 60 afetou profundamente a instituição do casamento tradicional. Apareceram novos modelos de união conjugal, alguns deles tão extranhos que não era fácil saber se podiam ser denominados de "conjugais". Os jovens das décadas de 60 e 70 experimentaram novas formas de relacionamento afetivo, tais como: coabitação juvenil, união livre, família monoparental, família recasada, casal homossexual, etc.

A característica que permeia esses novos modelos de união é a defesa da individualidade. Reagindo contra a tendência do modelo tradicional de casamento, o homem deste último quarto de século luta para preservar sua individualidade no casamento. Neste modelo de casamento predomina o individual sobre o comum.

Entre as duas dinâmicas conjugais apresentadas, situa-se uma terceira que privilegia o equilíbrio entre ambos as duas dimensões. Cada cônjuge defende sua individualidade, conservando espaços para o desenvolvimento pessoal, mas também há espaços comuns, onde floresce a conjugalidade.

A partir desses três tipos de dinâmica conjugal, perguntamo-nos para qual modelo pende o recasamento? O cônjuge recasado valoriza a sua individualidade e a do parceiro, na vida conjugal? Existe alguma diferença significativa em relação ao seu casamento? A pessoa recasada equaciona seus interesses particulares com os do cônjuge? Existe equilíbrio entre eles ou predomina um aspecto sobre o outro?

Qual a relevância de investigar as manifestações de individualidade e de conjugalidade no recasamento?

Em primeiro lugar, o número de pessoas que vivem uma segunda união conjugal aumentou muito a partir da década de 60.

Mas não é só a incidência que justifica, esta pesquisa. A sociedade atual caminha em busca de novas opções que articulem o totalitarismo massificante e o individualismo desagregados. Vão ficando para atrás as visões antagônicas - e por isso, perigosas - de uma sociedade organizada dicotomicamente.

Quais são as conseqüências dessa nova tendência na sociedade atual sobre o casamento? Esta questão tem despertado o interesse dos pesquisadores.

É sobre o crescimento pessoal na estrutura do casamento que vários autores entre nós vêm estudando a dinâmica conjugal. Porém é recente o interesse dos pesquisadores sobre o recasamento (Féres Carneiro, 1987; Maldonado 1986; Woods, 1987).

Esses autores e outros como Wolker e Messinger(1970) mostram que existem diferenças significativas entre a dinâmica conjugal-familiar do primeiro casamento e a dos sucessivos.

Desse modo, com este estudo pretendemos colaborar no

conhecimento da dinâmica conjugal do recasamento, sobretudo no que diz respeito à vivência da individualidade e da conjugalidade.

A fundamentação da pesquisa apoia-se nos estudos realizados por autores como Berger e Kellner (1970), Kaufmann (1988), Blassel (1988), Lemaire (1988), Willi (1978), Féres-Carneiro(1987) e outros.

Especificados o objetivo, a relevância e o suporte teórico da pesquisa, cabe agora escolher o caminho metodológico a seguir. Os dados da pesquisa serão obtidos através de entrevistas semi-estruturadas com pessoas recasadas, da classe média carioca. A avaliação dos dados obtidos será realizada a partir de algumas categorias temáticas levantadas entre os autores pesquisados.

Pretendemos, finalmente, poder acrescentar algumas considerações úteis para compreender melhor a dinâmica conjugal no recasamento.

I - O RECASAMENTO: VISÃO GERAL

Estudos recentes sobre o recasamento mostram que existem diferenças significativas em relação ao casamento quanto à institucionalização, quanto às dimensões de aliança e sexualidade, quanto à complexidade da rede familiar etc.

a) A institucionalização do recasamento

Para Bastard e Cardia-Vonèche (1987) a pergunta básica sobre o recasamento, do ponto de vista sociológico, é esta: o recasamento constitui uma categoria *em si*, isto é, um tipo de família? Os autores reconhecem que o recasamento apresenta problemas específicos a nível jurídico, econômino, e interpessoal. Mas essas peculiariedades não são suficientes para constituir *um conceito sociológico*.

Eles preferem incluir o recasamento no que chamam de "geometria variável da família", onde o que muda são as diversas configurações familiares e não o modo de funcionamento.

Cherlin (1977) defende a tese de que o grande número de divórcios após o recasamento se deve à frágil institucionalização deste.

O recasamento enfrenta problemas específicos para os quais a sociedade não tem normas definidas.

Pesquisas realizadas nos Estados Unidos (1976) mostram que o índice de separação no casamento é menor (33%) do que o número de pessoas que se separam no recasamento (40%). Apoiado nesses resultados, Cherlin conclui que os índices de divórcio

são o melhor indicador objetivo para mostrar a maior coesão do casamento em relação ao recasamento.

O autor examina e questiona três explicações existentes para justificar o maior número de divórcios no recasamento.

A primeira explicação parte do campo de psiquiatria, que atribui o maior número de separações no recasamento às perturbações da personalidade dos cônjuges. Os problemas pessoais não resolvidos são a causa da separação e, enquanto a pessoa não os superar, o novo casamento repetirá os mesmos erros do anterior.

A segunda explicação apoia-se na experiência acumulada: uma vez que os cônjuges se divorciam, têm menos medo de recomeçar. Quem já enfrentou uma separação sabe como superar as dificuldades provenientes do campo jurídico ou social.

E a terceira explicação refere-se à situação financeira. Cada nova união conjugal leva consigo um ônus financeiro. Em certos casos o salário não é suficiente para sustentar duas famílias.

Cherlin conclui que nenhuma das três explicações dá conta da maior incidência de separações no recasamento. Para ele as dificuldades que os casais recasados enfrentam são devidas à falta de diretrizes estabelecidas na sociedade. Essa falta de suporte institucional é menos grave quando o casal recasado não tem filhos de casamento anteriores; nesse caso, o recasamento assemelha-se ao casamento e a maior parte das normas deste serve para aquele. Mas quando, pelo menos um dos cônjuges tem filhos do casamento anterior, os membros da família defron

tam-se com problemas bem diferentes, para os quais não há normas precisas. O casal recasado terá que encontrar suas próprias soluções.

A falta de normas específicas em relação ao recasamento abrange a linguagem, a legislação civil e a educação das crianças.

A linguagem não tem termos próprios para designar cada membro da família recasada. O termo "step-parent" se refere a uma pessoa que substitui o pai/mãe falecido, mas não o pai/mãe que está vivo. Termos como padrasto ou madrasta carregam uma conotação pejorativa.

Não existem normas claras na legislação civil sobre o recasamento. A legislação familiar não dispõe de instrumentos jurídicos específicos para decidir sobre pensões alimentícias dos enteados ou resolver casos de "incesto" por afinidade.

Quanto à educação dos enteados surgem dificuldades para determinar qual será a atitude mais correta. É difícil estabelecer o equilíbrio entre a autoridade e a permissividade.

Em 1988, Cherlin revê sua tese e conclui que houve evolução quanto à institucionalização do recasamento, mas ainda se apresenta como uma instituição incompleta.

Alguns autores, Walker e Messinger (1979) atribuem a estruturação mais sólida do casamento não apenas à institucionalização social mas a organização intrafamiliar. Pois na família do primeiro casamento há uma definição clara quanto ao espaço físico (mesma casa) e quanto ao espaço afetivo (mesmas pessoas). As normas que regulam a vida familiar são claras e

precisas: autoridade, economia, afetividade, etc. Cada família tem seus hábitos, suas maneiras peculiares de comemorar as festas, os aniversários; cada família preserva seus próprios mitos.

Comparando esses aspectos com a família do recasamento, o espaço físico não é mais comum a ambos os pais e filhos; a ligação afetiva não é semelhante pois um é pai/mãe e o outro não.

A construção de uma nova família implica em perdas e adaptações; perde-se algo da velha família e é necessário se adaptar à nova situação.

Walker e Messinger afirmam que é no confronto flexível entre o velho e o novo que a família recasada encontra sua estabilidade

b) <u>As dimensões de aliança e sexualidade</u>

Féres Carneiro (1987) mostra, a partir de uma pesquisa realizada com casais de classe média carioca, que há diferenças na vivência da aliança e da sexualidade no casamento e no recasamento.

A aliança e a sexualidade são duas das mais importantes dimensões da vida conjugal. A primeira está relacionada com o sistema de troca mútua de favores e a busca de ajuda entre os grupos. É uma das formas de intervenção sobre os bens considerados escassos e essenciais para a sobrevivência do grupo. A reciprocidade da aliança canaliza para a coesão forças que poderiam estar naturalmente destinadas à desagregação e à

hostilidade entre os grupos.

A dimensão de sexualidade, por sua vez, se refere ao vínculo afetivo entre os cônjuges. Existe, porém, uma nítida diferença entre o amor no casamento e o amor fora do casamento. Até o século XVIII, a função principal do casamento era ligar duas famílias para perpetuar a linhagem ou aumentar o poder político e o prestígio social. O amor-paixão era essencialmente extraconjugal.

A partir do século XIX, as duas formas de amor se aproximaram e hoje o casamento é visto, cada vez mais, como o lugar genuíno do amor e da paixão; daí que o amor adúltero leva ao divórcio e ao recasamento.

A autora conclui sua pesquisa afirmando que existem diferenças quanto à manifestação das dimensões de aliança e de sexualidade no casamento e no recasamento.

No casamento, a aliança assume um papel preponderante na escolha conjugal, enquanto a escolha afetiva - dimensão de sexualidade - é mais relevante entre os recasados.

O relacionamento com a família de origem aparece mais forte e valorizado no casamento, assim como a convivência com grupos de amigos comuns. A preservação de amigos individuais é comum entre as pessoas recasadas.

Quanto à participação na renda familiar não existem grandes diferenças entre os dois grupos, embora haja mais mulheres recasadas contribuindo para o orçamento familiar, algumas em proporção maior do que os homens.

O relacionamento sexual é muito importante em ambos

os grupos, mas entre os recasados a sexualidade é mais personalizada e criativa.

c) A complexidade do sistema familiar

Maldonado (1986) salienta a complexidade dos vínculos familiares no recasamento. No casamento a malha de relações já é grande, pois une duas histórias pessoais e duas famílias diferentes.

A complexidade aumenta quando o casal recasado leva para dentro da nova relação a experiência prévia conjugal, a interferência do ex-cônjuge, a presença de filhos da união anterior etc. Em certos casos, o universo do casal recasado mostra-se extremamente complexo: "Somos eu, ele, três ex-mulheres, um ex-marido e nove filhos nessa jogada" (Maldonado, p.182).

Mas não é só a complicada malha de vínculos afetivos e familiares que transforma o recasamento num modelo específico de relacionamento conjugal. Existe um outro aspecto importante. Após a dissolução do primeiro casamento, geralmente surge uma fase de reflexão e revisão de metas e ideais de vida.

Algumas pessoas iniciam seu primeiro casamento depositando no parceiro a realização plena dos sonhos e projetos. A ilusão permeia a vida de muitos casos nos primeiros anos de convivência, onde há afeto, diálogo, atração sexual, estima e confiança. (Giusti, 1987). Com o passar do tempo o parceiro deixou de ser o companheiro idealizado; percebe-se que o outro é limitado e tem defeitos. Aparece a desilusão e, com ela, surge uma nova postura perante a vida. Algumas pessoas, após a sepa-

ração, tornam-se extremamente ávidas e apressadas, tentando recuperar o tempo perdido. Para outros, a separação significa um encontro consigo mesmos. Enfim, a pessoa que assume uma nova relação é diferente daquela que um dia casou pela primeira vez. Geralmente, as pessoas entram no recasamento despojados de sonhos; buscam uma relação mais autêntica consigo mesmos, com o outro e com a vida.

Para terminar esta revisão geral sobre o recasamento não podemos deixar de falar sobre a incidência.

d) A incidência de recasamentos na época atual

Quando se fala em quantidade de recasamento após o divórcio é necessário distinguir segundo Barwin-Legros (1988) dois períodos: um que corresponde às décadas de 50-60 e o outro às 70-80.

Durante o primeiro período, o índice de recasamento era alto na Europa e nos Estados Unidos. A grande maioria das pessoas divorciadas casavam-se oficialmente de novo. Alguns dados estatísticos mostram isso. Nos Estados Unidos, durante a década de 60, por exemplo, de cada oito casamentos um era formado dos por cônjuges divorciados. Do mesmo modo, nos países da Europa as pessoas divorciadas em geral casavam-se novamente. Os índices apontam para 60 e 70% das pessoas divorciadas que assumiam uma nova relação conjugal.

A partir da década de 70, o número de recasamento juridicamente legalizados diminuiu em vários países da Europa.

Países	1960	1965	1970	1975	1978
. Alemanha	72	79	71	61	61
. Inglaterra	72	81	82	68	61
. Bélgica	73	65	64	62	54
. Dinamarca	62	57	58	52	47
. França	62	56	53	53	50
. Suécia	55	54	38	44	40
. Suiça	63	58	44	40	
. Países Baixos	71	64	57	43	35
. Canadá	80	83	87	64	-

Louis Roussel (1981)

citado por Borwin-Legros(1988)

A tabela acima refere-se à percentagem de pessoas que após o divórcio assumiam uma nova união conjugal devidamente legalizada perante o poder civil. Como pode se observar, a partir dos anos 70, o número de recasamentos oficiais diminuiu, mas isso não quer dizer que as pessoas divorciadas não procurassem novas alternativas de convivência afetiva. O que a tabela mostra é que cada vez mais as pessoas procuram institucionalizar menos sua união amorosa, principalmente quando já houve uma experiência anterior fracassada.

Alguns autores interpretam a diminuição de recasamento juridicamente oficializados como uma prova de amadurecimento das pessoas. Depois de passar pela experiência do casamento, muitas pessoas pensam bastante antes de assumir novos compromissos conjugais.

II - INDIVIDUALIDADE E CONJUGALIDADE

Na primeira parte estudamos alguns aspectos relevantes do recasamento. Cabe agora dirigir nossa atenção para a influência que a conjugalidade exerce sobre a identidade de cada cônjuge.

O assunto é estudado por vários autores como um dos pontos importantes da dinâmica conjugal. Para falar sobre um tipo de eu especial, *o eu conjugal*, Singly (1988) recorre ao romance de David Garnett que conta a situação vivida pelo marido cuja esposa se transforma em raposa. O marido para não perder o contato com a esposa, modifica seu comportamento. À medida que a esposa se torna mais selvagem, ele acentua sua ruptura com o mundo social e se torna um misantropo.

Com esse romance, Singly introduz o tema da influência da conjugalidade sobre a identidade pessoal dos cônjuges.

a) O eu individual

O dicionário Aurélio define o termo indivíduo como o exemplar de uma espécie qualquer, orgânica ou inorgânica que constitui uma unidade distinta.

Mas tornar-se um indivíduo não é apenas alcançar um grau de diferenciação biológica em relação aos outros seres. Ser um indivíduo, em sentido psicológico, é possuir uma *identidade* pessoal e conseguir *autonomia* em relação às outras pessoas.

a Identidade

O conceito de identidade é um dos mais controvertido tanto no campo filosófico como no psicológico. Entre as vários contribuições teóricas sobre o assunto cabe destacar os estudos de León e Rebeca Grinberg (1971).

O tema da identidade preocupa os pensadores das últimas décadas, pois "o fato de dominar o mundo sem o domínio de si mesmo cria a perigosa possibilidade de uma orgia destruidora em massa" (Grinberg, p. 9).

Não é tarefa fácil responder à pergunta: quem sou eu; o fato de existir não garante por si só a identidade. Do nascimento à consolidação da identidade há um longo percurso que nem todas as pessoas trilham com sucesso.

O sentimento de identidade resulta da interrelação contínua entre três vínculos, denominados por Grinberg de vínculos de integração espacial, temporal e social.

- Vínculo de integração espacial

O vínculo de integração espacial refere-se à consciência que o sujeito tem da unidade corporal. Para que a pessoa chegue a compreender que as diversas partes do seu corpo formam uma unidade coesa é necessária uma longa aprendizagem. Quando o bebê nasce, afirma Fenichel (1981), não se pode falar propriamente em ego e não-ego, mas em tensão maior ou menor. Vários outros psicanalistas - com nomenclaturas diferentes, tais como: fase autista e Simbiótica (M. Malher), fase esquizo-paranóide (M. Klein), corpo esfacelado (Lacan) - constataram o

mesmo fato. O nascimento biológico não dá por si só a consciência de ser um todo físico integrado.

A primeira fase da vida humana é percebida como um aglomerado de sensações, tensões e satisfações sem coesão interna. Perceber que a mão, o pé, os órgãos sexuais e as sensações cinestésicas formam uma unidade corporal é o primeiro passo para chegar à identidade.

- Vínculo de integração temporal

O vínculo de integração espacial não basta para consolidar a identidade; é necessário que o sujeito tenha condições de perceber que essa unidade permanece coesa ao longo do tempo. A capacidade de transportar-se do passado e de imaginar-se no futuro faz com que o indivíduo se sinta uno e o mesmo no tempo. O ontem e o amanhã das experiências pessoais são alinhadas pela consciência de ser o mesmo indivíduo.

Ser uno no corpo e no tempo não significa compreender o indivíduo como algo estático e imutável. É Erickson (1976) quem enfatiza a dimensão evolutiva da individualidade quando fala das oito idades do homem. O adolescente que se debate com uma confusão de papéis tem consciência, entretanto, que é a mesma pessoa que na infância lutava para conseguir a confiança básica. Por sua vez, a vivência da identidade acompanhará o adolescente na passagem pelas novas fases que se descortinam à sua frente e, quando na velhice enfrentar a angústia da desintegração do self, perceberá que ele é a mesma pessoa, apesar das mudanças físicas e psíquicas que aconteceram durante o percurso de *sua* vida.

- Vínculo de integração social

O vínculo de integração social se refere à conotação social da identidade e é formada pela relação entre os aspectos do self e os aspectos dos objetos através dos mecanismos de projeção e de introjeção. Através do vínculo de integração social o sujeito consegue identificar-se como um *Eu* frente ao *outro*; essa experiência equivale a sair do narcisismo auto-referente do primeiro estágio da vida do ser humano e passar pela vivência amadurecedora e dolorosa da castração.

Mas aceitar a existência do *outro* não é tarefa fácil, pois ser castrado não é apenas... "circunscrever a castração a uma imaginada amputação do pênis. Castração não se restringe a uma dolorosa navalha na carne" (Mascarenhas, 1990 p. 123). Ser castrado na verdade significa aceitar a divisão da realidade em masculino e feminino e renunciar à realidade única e plena, que só permanece como ilusão no desejo narcísico ou no desejo simbiótico.

A vivência saudável da castração proporciona ao indivíduo a descoberta da autonomia.

a autonomia

Além da identidade, o eu individual deve conquistar uma certa autonomia em relação ao *outro*.

Para chegar a ser um indivíduo autônomo é necessário passar pelo processo da identificação. Com a dissolução normal do complexo de Édipo, a criança admira mais do que teme as figuras dos pais; o ideal do ego prevalece sobre o supere-

go. Se por um lado é difícil renunciar ao objeto de amor da infância, por outro, aparece a oportunidade de ter no progenitor do mesmo sexo um modelo de vida. O adolescente experimenta a possibilidade de escolher, decidir sem medo de retaliações.

Mas antes de conquistar a verdadeira autonomia, a pessoa passa por um período de rebeldia, a chamada rebeldia adolescente. Não há dúvida de que a criança também se revolta e com intensidade (Kusnetzoff, 1982). Mas a rebeldia da criança é provocada pela supressão do prazer. O adolescente não aceita a autoridade dos pais nem da sociedade. Repudia a ordem estabelecida e estabelece sua própria ordem, quer dizer adquire a autonomia absoluta, pois autonomia significa ter um "nomos" próprio, isto é, uma lei, um modo próprio de proceder segundo valores pessoais.

O adolescente, libertado em parte da tirania do superego, tranforma-se na própria lei, desafiando a Lei. Só ele tem o poder de decidir o que é bom e o que é mau. Mas, junto com a vivência da auto-afirmação, o adolescente experimenta forte nostalgia da infância. "A revolta juvenil possui, entre outras características, a qualidade de ser uma negativa a toda dependência, porém é justamente a segurança e o conforto proporcionados pela infância que são sentidos como falta" (Kusnetzoff, p. 114).

Crescer é também perder. As perdas levam o adolescente a elaborar três lutos, luto pela infância perdida, luto pelos pais protetores e luto pelo corpo infantil, que agora assusta com suas estranhas mudanças.

Quando o adolescente consegue elaborar adequadamente seus lutos e aceita que existe a Lei está pronto para tornar-se um indivíduo autônomo.

b) O eu conjugal

Berger e Kellner (1988) vêem no romance de David Garnett uma prova clara de como o casamento produz um novo *nomos*. O casamento serve de proteção contra a anomia do indivíduo. Segundo os autores o nomos representa a organização concreta de cada sociedade, que determina a realidade com suas leis, seus símbolos e seus valores. O indivíduo nasce numa sociedade estruturada e estruturante, que pré-existe a seu nascimento. É nessa sociedade que o indivíduo terá que viver e encontrar seu lugar.

Se por um lado a sociedade estruturada fornece ao indivíduo os subsídios para a identidade, por outro lado, impõe-lhe certos padrões de comportamento. Onde fica, então, a individualidade? O indivíduo lutará para ser ele mesmo, pois...

> "a esfera privada, é aí que o indivíduo buscará o poder, a compreensão e, literalmente, um nome onde possa construir um mundo, mesmo que lilliputiano, que reflita seu próprio ser; um mundo que, mesmo criado ilusoriamente por ele, seja um mundo inteligível para ele; um mundo em que possa ser alguém e, quem sabe, nesse pequeno mundo encantado possa ser senhor e mestre"
>
> (Berger e Kellner, p. 10-11).

Como podemos observar os autores falam de uma tensão entre o mundo interno e o mundo externo. A individualidade surge exatamente como resultado do conflito entre a realidade externa e o mundo interno.

Mas surge um novo problema quando se fala do casamento, pois aqui é necessário harmonizar duas definições individuais da realidade. O casamento na nossa sociedade representa uma cena dramática onde se encontram dois estranhos, portadores de um passado pessoal diferente. Para que a relação do casal sobreviva è necessário que haja algo em comum entre as visões que cada parceiro tem da realidade; isso se dá através do *processo de objetivação.*

O que se entende por objetivação? Cada cônjuge apresenta seu modo de ver a realidade e, através do diálogo, o casal encontra uma nova visão da realidade. A medida que o casal convive e conversa, fortifica-se a realidade objetiva comum; surge o *eu conjugal* que é mais do que a soma dos dois eus individuais. Essa realidade objetiva comum estrutura o presente, revê o passado e determina o futuro de cada um dos cônjuges.

Segundo Berger e Kellner a individualidade de cada um dos cônjuges é modificada pela realidade objetiva comum.

Que serei eu sem você, pergunta-se Kaufmann (1988) quando estuda as dimensões de individualidade e de conjugalidade no processo de identificação de si mesmo. É opinião do autor que a individualidade não aparece em estado puro, pois o indivíduo se reconhece como membro de um grupo referencial, com seus modelos próprios de comportamento, seus valores e hábitos.

O casamento é visto sob o prisma de dois indivíduos que trazem para dentro do lar uma bagagem própria. Que acontece com as individualidades que passam a morar sob o mesmo teto? Sucumbem para formar a conjugalidade? A dimensão individual interage constantemente com a conjugal. Ambas as dimensões são duas

forças entrelaçadas que permanecem em equilíbrio. Quando uma delas predomina, rompe-se o equilíbrio e surgem os momentos de crise na vida do casal. Se o desequilíbrio é muito intenso ou prolongado, poderá acontecer a separação.

Além dos sociólogos citados - Berger, Kellner e Kaufmann - vários psicólogos e psicanalistas estudam a influência da conjugalidade na identidade do sujeito. Entre eles, lançamos mão das contribuições de Lemaire (1988). Afirma ele que o termo indivíduo designa freqüentemente um sujeito ideal, perfeito, pleno e autor de seu próprio destino.

Mas esse sujeito ideal - ou idealizado - não passa de uma construção metapsicológica que não dá conta de todos os processos psíquicos do ser humano. Segundo o pressuposto filosófico de um sujeito ideal e perfeito, o relacionamento conjugal seria o encontro de duas pessoas independentes e autônomas que se unem apenas por laços de desejo e não pela necessidade de ajuda mútua.

O autor chama a atenção para uma certa confusão que se faz entre as noções de *sujeito biológico* e *sujeito psíquico*.

A biologia tende a ver o sujeito diferenciado plenamente já no próprio ato do nascimento.

> O bebê biológico nasce, num determinado dia, do útero materno; corta-se o cordão umbilical para que respire... o bebê psíquico, porém não nasce nesse dia; ele começa a nascer e seu nascimento não dura apenas um dia"
>
> (Lemaire, 1989 p. 46).

Há um longo caminho a percorrer até conquistar o *eu* pleno, pois antes de tornar-se um eu, cada indivíduo fez parte

de um nós anterior. É através do esforço pessoal para se diferenciar do magma envolvente, da matriz original, que o indivíduo poderá tornar-se um sujeito.

> "O ser humano entra na vida tentando se libertar lentamente da simbiose, de forma flutuante ou intermitente, como que pontilhada de regressões periódicas... o ser humano não se torna um *eu* senão a partir de um *nós* anterior".
>
> (Lemaire, 1988, p. 76).

Como podemos observar, apesar do esforço do sujeito para construir sua individualidade, sempre restam "zonas" na personalidade que não se livraram totalmente do magma original (relação mãe-bebê, bebê-família etc). São exatamente essas zonas menos definidas da personalidade que se entrelaçam na vida conjugal. Uma parte do eu de um cônjuge entrelaça-se com outra parte do eu do outro. Entender o casamento como o encontro de duas individualidades plenas beira os limites da ilusão.

A prática clínica mostrou a Lemaire que muitos cônjuges não possuem uma individualidade plenamente definida; antes pelo contrário, a vida afetiva de alguns casais se encontra misturada com vivências infantis. Existem sujeitos que chegam ao casamento sem uma consciência clara de sua unicidade: quem sou eu? quem é o outro? A identificação com o outro pode ser tão maciça que em alguns casos um cônjuge teme perder os limites do seu eu individual, embora tenha consciência de sua identidade social.

Convém, entretanto, fazer uma distinção entre sujeito social e sujeito conjugal. O primeiro caracteriza-se pelo tipo de comportamento que a sociedade impõe como modelo. Mas nem sempre as obrigações decorrentes do papel social coincidem com

as verdadeiras necessidades íntimas do sujeito, provocando uma situação peculiar: socialmente o sujeito é adulto, estruturado, forte e independente como a sociedade espera, mas, na intimidade, ele é dependente e frágil. Daí que certos comportamentos do sujeito no casamento seriam considerados bizarros fora dele, e nem por isso podem ser considerados patológicos. A dinâmica interpessoal dos grupos sociais não pode ser aplicada diretamente ao casamento.

Um outro autor - Blassel (1988) - estuda o desenvolvimento da individualidade na estrutura conjugal. A partir de certas queixas de seus pacientes - ..."meu marido faz tudo para me ignorar, minha mulher me impede de fazer o que me agrada" (p. 80) começa sua reflexão sobre a individualidade e a conjugalidade. Crescimento pessoal e conjugalidade são compatíveis? Por quanto tempo e a que preço?

Para responder a essas perguntas, o autor lança mão da teoria psicanalítica que trabalha com as noções de sujeito e objeto. Que entende a psicanálise por objeto? É o próprio Freud que define o conceito quando afirma que "o objeto da pulsão é aquilo no qual e através do qual a pulsão atinge sua finalidade" (1914).

Baseado no pensamento freudiano, Blassel tira duas conclusões:

- o indivíduo não pode suprimir sua tensão pulsional sozinho; necessita obrigatoriamente do objeto.
- Para que o objeto externo satisfaça a pulsão do sujeito, aquele deve possuir algumas características do objeto

interno inicial.

O casamento se estrutura, pois, sobre o encontro de desejo do sujeito com o objeto externo apropriado (o parceiro). O tipo de dinâmica conjugal se organiza a partir dos diferentes desejos individuais dos cônjuges.

Existem três tipos de dinâmica conjugal de acordo com os desejos individuais.

1 Desejos eróticos. O sujeito busca no parceiro (objeto sexual) a complementação e a realização sexual. A individualidade de cada cônjuge é preservada e o tipo de relação conjugal pode ser descrita com a expressão: *eu e você*. Cada membro do casal é ao mesmo tempo, sujeito e objeto da relação. Sujeito na medida que *recebe* do outro a oportunidade da satisfação sexual gratificante e objeto na medida que se *doa* ao outro como objeto.

2 Desejos de dependência. Nesse tipo de relação, um membro do casal precisa se sentir amado, protegido e valorizado pelo outro. A personalidade do cônjuge forte encampa o parceiro fraco; o casal pode ser definido com a expressão: *nós*, onde já não existem duas pessoas autônomas, mas uma figura forte e outra fraca, que não pode sobreviver sem o outro.

3 Desejos de indiferenciação. O terceiro tipo refere-se à relação aglutinante. As individualidades de ambos os cônjuges sucumbem diante do desejo mútuo de fusão. Existe entre eles a fantasia de que o ser humano nasce incompleto e somente a função das duas metades poderá transformá-los num *todo* pleno, perfeito e onipotente.

O binômio crescimento pessoal - conjugalidade só é com

patível no primeiro tipo de relacionamento, pois ele permite a satisfação libidinal dos parceiros sem anular a individualidade de cada um.

Nos outros dois tipos, o equilíbrio desaparece, seja pelo predomínio excessivo da individualidade de um dos cônjuges ou seja pelo predomínio absoluto da conjugalidade em detrimento das duas individualidades.

Para que o casamento seja um instrumento de crescimento pessoal, Blassel afirma que são necessários algumas condições:

- que o objeto externo (parceiro) predomine sobre o objeto interno (objeto da infância);
- que haja interação entre os desejos;
- que exista um equilíbrio no investimento narcísico-objetal.

Se essas condições não forem suficientemente atendidas, mais cedo ou mais tarde, o objeto se transformam num obstáculo para o crescimento pessoal.

Um outro autor que estuda a interrelação entre a individualidade e a conjugalidade é J. Willi (1986). Segundo ele os conflitos conjugais se manifestam de três maneiras: as fases do casamento, os princípios psicodinâmicos e a colusão.

Fases do casamento. Existem problemas na relação que são próprios da época de escolha do parceiro. Algumas dificuldades de tipo diferente aparecem na fase de estruturação e nos primeiros anos de vida em comum. A crise de meia idade ou a ve

lhice apresentam novos desafios aos cônjuges.

Princípios psicodinâmicos

- **Princípio da demarcação**

Este princípio diz respeito ao grau de consciência e de rigidez que o casal tem dos limites intra e extra diádicos. Até aonde pode ir a intimidade bipessoal sem renunciar ao eu pessoal sem renunciar ao eu pessoal? Qual o grau de delimitação que existe em relação ao exterior?

O autor apresenta graficamente o perfil dos diferentes tipos de delimitação.

	Campo patológico	Campo normal	Campo patológico
limites intradiádicos	rígido	claro e permeável	difuso
limites extradiádicos	difuso	claro e permeável	rígido
figuras	A B nº 1	A B nº 2	A B Nº 3

A figura nº 1 revela os temores que os cônjuges têm de perder suas individualidades e levantam um muro de proteção entre si. Os limites extradiádicos aparecem frouxos e permeáveis em excesso, geralmente como defesa contra a intimidade. O casal precisa, geralmente de uma terceira pessoa - filho, amigo ou parente - para se diferenciar com mais nitidez do parceiro.

PUC-RIO

A figura nº 2 representa a relação saudável do casal. Duas características sobressaem nesse tipo de relação:

A relação que os cônjuges têm entre si diferencia-se claramente de qualquer outro tipo de amizade, porque apresenta uma diferenciação em relação ao exterior, há consciência de casal, buscam espaços e tempo para si etc.

Cada cônjuge respeita a individualidade do outro.

A figura nº 3 mostra a fusão diádica, na qual o casal forma uma unidade simbiótica, freqüentemente bem delimitada quanto ao mundo exterior. Esse tipo de união é considerado pelo casal como uma prova de amor tão sublime que escondem da sociedade. O casal vive para si, isolando-se das pessoas. Essa forma de relacionamento é típica da fase da paixão. Os dois parceiros querem ser *uno*, pertencer-se um ao autor e formar uma harmonia tão perfeita que chegam ao excesso de intimidade onde se perdem os limites do eu de cada um. *

O outro acha que a demarcação deve ser visível tanto para os cônjuges quanto para as demais pessoas, mas não em excesso. Durante muitas décadas, a sociedade ocidental industrializada aspirou ao amor romântico como união exclusiva - e excludente. Pensava-se encontrar no casamento a simbiose perdida (mãe-bebê), a harmonia original e a unidade inseparável. Mas como a unidade simbiótica é impossível, a desilusão provocou uma reação diferente face ao casamento: as pessoas não se entregam mais com medo de perder a individualidade. *

Surgiu, assim, nas últimas décadas um novo extremismo não menos patológico: a intimidade extra conjugal. Alguns se

tores da sociedade atual considera o casamento como prisão; o cônjuge liga-se ao parceiro de forma suave, não depositando nele muita esperança e busca parte de suas satisfações fora da relação.

Se, por um lado, a sociedade livrou-se do casamento despersonalizante, transformou-o, por outro, numa relação semelhante a outras muitas existentes na atualidade, tais como o amor livre, o swinging, o sexo em grupo, a troca de parceiro etc.

Afirma o autor que é importante para a saúde conjugal diferenciar o casamento dos outros tipos de afetividade. A diferença baseia-se no contrato vinculante e duradouro, que configura uma história de vida em comum e abrange aspectos mais amplos que a pura satisfação momentânea em encontros de curta duração.

- Princípio das atitudes progressivo-regressivas

Alguns casais vivem uma relação do tipo proteger - ser protegido, ou seja, em atitudes progressivas e regressivas. Esse tipo de relação conjugal apresenta semelhanças com a ligação mãe-filho da primeira infância. São manifestações de atitudes regressivas no casamento os cuidados de proteção e de dependência, carinhos, contatos epidérmicos, o olhar nos olhos, os sorrisos etc. Inclusive a linguagem regride a formas pré-verbais como acontecia na primeira infância. Muitos desses comportamentos regressivos são característicos da fase de namoro.

Mas nenhuma outra relação humana exige tanta maturidade como a relação bipessoal do casamento. Os cônjuges esperam, um do outro, compreensão e apoio nas dificuldades. Na relação

conjugal deve haver uma reciprocidade na postura de mãe e de filho. Quando há um casamento saudável, os cônjuges têm possibilidade de viver as atitudes progressivas e regressivas. Ora um membro do casal assume o papel de protetor do outro diante de uma situação específica; ora aquele recebe apoio deste em outro momento. A possibilidade de experimentar ambas atitudes constitui uma condição importante para a maturidade.

Todo ser humano experimenta em si mesmo as tendências progressivas e regressivas, embora algumas pessoas tenham a tendência a vivenciá-las de forma exclusiva. Um cônjuge fixado na postura regressiva espera sempre do outro carinho, dedicação e proteção. Comporta-se como a criança que espera tudo da mãe. Existem também cônjuges que vivem permanentemente em atitudes progressivas, realizando tarefas superiores a suas forças apenas para "ser adultas". Evitam todo dipo de comportamento que possa ser taxado de infantil; esforçam-se para mostrar força e superioridade.

Mas esses comportamentos não se apoiam na maturidade autêntica; pelo contrário, são uma tentativa de encobrir a fragilidade pessoal. O que existe, na verdade, por trás do comportamento maduro aparente é uma pseudomaturidade e um desejo de compensação.

A relação saudável do casal acontece quando ambos os cônjuges se permitem viver atitudes progressivas e regressivas de acordo com as circunstâncias e com o momento de cada um.

- Princípio da estima mútua

O terceiro princípio psicodinâmico para a relação harmoniosa do casal baseia-se na igualdade de estima e valorização entre os cônjuges. Estima ou valorização não se referem à projeção social dos papéis desempenhados por cada cônjuge. Em certos casos, um dos cônjuges - seja pelo tipo de trabalho ou pela personalidade-se sobressai mais que o outro. A verdadeira estima acontece quando cada cônjuge percebe e valoriza o outro, independentemente do trabalho realizado. Um homem bem sucedido profissionalmente pode reconhecer o valor que o trabalho doméstido da mulher tem; sem a colaboração desta não seria possível dedicar-se plenamente ao trabalho que lhe dá tanto prestígio social. Do mesmo modo, a sensação de ser imprescindível para o rendimento profissional do marido leva a mulher a identificar-se com o sucesso profissional dele.

a colusão

Depois de estudar os conflitos conjugais sob os aspectos histórico e dinâmico - fases do casamento e princípios psicodinâmicos, respectivamente - Willi aborda a colusão, que abrange aspectos da psicanálise, da teoria da família e da teoria da comunicação.

A psicanálise trabalha com os processos inconscientes do indivíduo. Os fatores externos são levados em conta na medida em que ativam conflitos já existentes no indivíduo. Desse modo, os problemas surgidos no relacionamento conjugal são encarados como conseqüência das experiências infantis de cada cônjuge. O que determina o relacionamento conjugal é o jogo

fantasmático dos cônjuges.

A teoria sistêmica da família levanta-se contra a visão interna da psicanálise e valoriza o meio patológico em que o casal vive. Salienta a importância do ambiente e relega a segundo plano a interferência da vida íntima do indivíduo. Como a teoria da família trabalhou, inicialmente, com famílias de esquizofrênicos, concluiu que a esquizofrenia era produto do meio. A influência do meio sobre o sujeito atinge seu auge em autores como Searles quando afirma que a criança fica esquizofrênica como conseqüência do prolongado esforço dos pais para torná-la louca. A criança nada mais é do que uma página em branco onde os pais escrevem e depositam suas neuroses e perturbações, transformando-a em depositária da patologia familiar.

A teoria sistêmica da família defende o tratamento psicoterápico não apenas do membro doente - geralmente a criança - mas do meio estruturante da doença - a família. Transportadas essas idéias para a relação conjugal, a doença é encarada como o efeito da ação patológica do cônjuge dominante, que transfere para o outo suas perturbações neuróticas.

A teoria da comunicação questiona a visão interna da psicanálise e a influência esmagadora do meio. Causa e efeito formam um todo, um sistema onde os elementos que o compõem, interagem. A teoria da comunicação dá um passo à frente no sentido de que os modelos de relacionamento entre os cônjuges dependem uns dos outros, influenciando-se mutuamente. Há uma influência circular, e no círculo não há nem início nem fim.

A teoria da colusão integra os aspectos positivos de

cada uma das teorias examinadas, no sentido de que o comportamento conjugal está marcado pela história de cada cônjuge (aspecto da psicanálise), mas esse comportamento é modificado pela atitude do outro cônjuge (teoria da comunicação) e a interação decorre também do ambiente onde o casal vive (teoria da família).

Colusão significa "um jogo conjunto não revelado, ocultado reciprocamente, entre dois ou mais pessoas por causa de um conflito fundamental semelhante e não superado" (Willi, p. 67).

Cabe salientar alguns aspectos relevantes incluídos na noção de colusão:

Primeiro aspecto - Existe uma semelhança quanto aos conflitos das pessoas envolvidas em colusão, embora pareçam de natureza diferente. Trata-se de variações polarizadas do mesmo conflito.

Segundo aspecto - Cada cônjuge tenta encontrar no outro a solução para seu problema; daí a força do vínculo colusivo.

Terceiro aspecto - Como as duas pessoas querem resolver o mesmo tipo de problema, o parceiro não é a solução e as expectativas depositadas nele voltam para a pessoa depositante. Surge então a decepção e, em alguns casos, a dissolução do vínculo conjugal.

É importante não esquecer que o jogo colusivo entre os cônjuges é sempre inconsciente.

Existem, segundo Willi, quatro tipos de colusão: nar

císica, oral, sádico-anal e fálico-edípica.

a colusão narcísica

As perguntas que inquietam o casal em colusão narcísica são as seguintes: até que ponto o amor conjugal consiste na entrega total e até aonde pode ser ele mesmo? É possível respeitar a individualidade do outro ou ela é, apenas, um prolongamento de mim mesmo?

Existem dois tipos de personalidades narcísicas: a dominante-egocêntrica - e a complementar - altruista.

Os narcisistas dominantes exibem uma necessidade de aparecer e de ser admirados pelos outros. Tentam viver o estado de narcisismo original, onde não havia diferença entre sujeito e objeto, por isso não aceitam discordâncias no modo de pensar nem de agir. As pessoas que manifestam diferenças, são consideradas como inimigas; daí, que os narcisistas dominantes vivem em estado paranóide. A constatação de que a incorporação idealizada do objeto não é possível, torna-os tristes e amargurados, provocando freqüentes críticas a todos e a tudo.

Não consideram o cônjuge como pessoa; ele serve apenas para proporcionar prazer e satisfação. Parte desse prazer provém da admiração que eles recebem da sociedade por causa das qualidades do parceiro. Por isso o narcisista dominante faz questão que seu cônjuge ande bem arrumado, - com os presentes que *ele* lhe dá...-.

No outro extremo da relação, encontram-se os narcisistas complementares - os altruistas -, que mostram certo desin

teresse pelo apreço social, vivem enclausurados no seu mundo interno à espera de que os outros descubram seu valor. Quando isso não acontece, retiram-se decepcionados para dentro de si mesmos.

Convém não esquecer que o conflito colusivo é semelhante em ambos os cônjuges, pois, se o narcisista egocêntrico precisa do outro para expandir seu Eu, o altruísta também precisa do outro para ser alguém. Geralmente apresenta um complexo de inferioridade, decorrente de situações infantis onde lhe negaram um eu próprio. Por trás da aparente humildade, esconde-se o desejo de grandeza. "Procura um parceiro idealizado, no qual projeta seu Ego - ideal para se identificar com ele e, desse modo, conseguir um aceitável eu-mesmo..." Willi (p. 85).

Como se processa a dinâmica conjugal na relação narcísica? O problema básico do narcisista está na configuração deficiente do próprio eu. Tanto o narcisista egocêntrico como o altruísta buscam consolidar a imagem de si próprios, sendo que o primeiro o faz encampando o eu do outro e o segundo aspira a conseguir no outro o eu idealizado.

As dificuldades encontradas pelo casal decorrem do próprio narcisismo, na medida em que nenhum dos cônjuges atinge seu objetivo - o egocêntrico quer expandir seu eu através da incorporação do outro, e o altruísta deseja ser alguém no eu do outro. A ferida narcísica faz cada cônjuge reagir de modo diferente. A relação se torna tumultuada e aparecem as agressões mútuas. O egocêntrico agride e humilha o parceiro, tentanto desfazer-se do eu insignificante do outro, que um dia incorpora cheio de esperança.

Por outro lado, o narcisista complementar não renuncia facilmente ao ego-ideal (parceiro) no qual pensou se realizar. Os ataques e agressões que sofre são encarados a princípio, como uma fase de crise do seu parceiro. Pode permanecer numa relação fria, tentando conseguir o suporte idealizado; mas quando percebe que o parceiro não será nunca o ego-ideal, decepcionado e cheio de raiva, pode chegar à separação.

a colusão oral

O tema da colusao oral gira em torno de perguntas tais como: até que ponto o amor conjugal é sinônimo de preocupação constante com o outro? Até aonde um cônjuge deve exigir do outro amor e dedicação maternal sem dar nada em troca?

O caráter oral se caracteriza pela busca de satisfação imediata das necessidades básicas. No casal, um dos cônjuges assume o papel de filho-lactente e o outro o de mãe-nutriente. O cônjuge-filho deseja ser acolhido e cuidado, assumindo constantemente uma postura oral regressiva. Por outro lado, o cônjuge-mãe busca cuidar do outro. Perturba-lhe a idéia de que um dia o cônjuge-filho não precise mais de seus cuidados, por isso vive em permanente estado oral progressivo.

Como funciona a dinâmica conjugal na relação Oral? O casal tenta formar um vínculo indestrutivel na medida que o desejo oral regressivo de um (receber) estimula o desejo oral progressivo do outro (dar). Regressão e progressão tornam-se interdependentes para sempre na ilusão dos cônjuges.

Mas os percalços da vida acordam o casal do sonho neu

rótico da união complementar idealizada. Na medida em que a realidade mostra ao cônjuge-filho que a satisfação imediata e absoluta das necessidades não é possível, põe em dúvida a entrega total do outro, e passa a compará-lo com a mãe boa internalizada. Examina tudo o que o outro faz ou diz, na tentativa de ver confirmada a suspeita de que aquele se assemelha mais com a mãe má do que com a mãe boa idealizada. Exige-lhe cada vez mais, até que o outro não possa satisfazer a demanda e, desse modo, passa a atacá-lo como o fez com a mãe má. Quando as experiências negativas da infância (mãe má) são projetadas no cônjuge-mãe, a relação entra em colapso, pois quanto mais o cônjuge-mãe tenta atender as necessidades do cônjuge-filho, tanto mais aquela é vista como a mãe má de quem não se pode defender. O cônjuge-filho luta pela sua emancipação, isto é, pela separação.

Por outro lado, o cônjuge que assume o papel de mãe-nutriente está se defendendo do medo de dependência; isso explica a dedicação maníaca para infantilizar o outro. Enquanto o outro não crescer, estará garantida sua função de mãe nutriente e a relação permanecerá. Mas como vimos anteriormente, o cônjuge-filho aumenta o grau de exigências e não demonstra gratidão. Acontece que gratidão e reconhecimento são, exatamente, o alimento necessário para a oralidade do cônjuge-mãe, que se queixa e cobra o tempo dispendido com o outro.

O casal entra num círculo de voracidade auto-destruidora na medida em que o cônjuge-mãe exige cada vez mais gratidão e reconhecimento e o cônjuge-filho responde com indiferenças e maiores cobranças.

a colusão anal-sádica

O tema da colusão anal-sádica se ocupa com perguntas como estas: até que ponto um membro do casal deve submeter-se passivamente ao domínio do outro? Na relação anal-sádica trata-se principalmente de saber até que ponto pode ser respeitado a autonomia do outro sem pôr em perigo a própria individualidade. Nesse tipo de colusão, a relação está baseada no binômio atividade-passividade, que Willi denomina de cônjuge dominante e cônjuge dominado, respectivamente.

O parceiro dominante esconde, por trás da arrogância e da prepotência, seu desejo de ser dominado. Seu complexo de inferioridade é disfarçado através da força exibida. Sublima seus próprios desejos de dependência tornando o outro dependente. O cônjuge dominante aspira a cargos de comando, para os quais geralmente não tem competência, com o intuito de intimidar seus subordinados. E através da rispidez com que os trata, pretende consolidar a união indestrutível com eles, pois no fundo gostaria de ser protegido. No casamento, exigem a adesão total do parceiro dominado, para esconder seu medo à separação; tornando o cônjuge dependente, imaginam que nunca ocorrerá a ruptura do vínculo conjugal.

É difícil reagir contra o poder do cônjuge dominante porque ele sempre faz as exigências em nome da ordem, do dever da limpeza, dos bons modos etc.

O cônjuge dominado, por sua vez, não oferece resistência alguma; comporta-se regressivamente, deixando a iniciativa e a responsabilidade nas mãos do parceiro. Entretanto, por trás

da submissão, esconde o desejo de controlar a relação, o que faz através de sujestões mansas e razoáveis, mas que são autênticas manobras manipuladoras. O cônjuge dominado cede o comando da relação, mas é ele quem controla, com sutileza, a relação.

Como funciona a dinâmica conjugal na colusão anal-sádica?

O autor mostra que o cônjuge dominante é perturbado, no decorrer da vida conjugal, pelo desejo inconsciente de dependência, que não admite. Para defender-se dele, redobra sua postura autoritária e tiraniza o parceiro de tal forma que este não agüenta mais. Reage, então, o cônjuge passivo a tanto domínio, rebelando-se, o que desencadeia uma reação dominante mais intensa. Na espiral do domínio-reação, o casal pode chegar à separação.

a colusão fálico-edípica

Willi inicia o quarto tipo de colusão chamando a atenção para as modificações que sofreram as teorias freudianas de "inveja do pênis", "o complexo de castração" e "as tendências passivo-femininas".

Segundo a psicanálise, a fase fálico-edípica é caracterizada pela descoberta da definição sexual. Por volta do terceiro ano de vida, o papel sexual principal começa a ser assumido pelos órgãos genitais. Chama-se fálico a essa fase do desenvolvimento sexual porque o pênis se torna o objeto de interesse para a criança de ambos os sexos.

A criança não concebe um ser humano sem pênis e, mesmo a menina, que não o tem, acha que essa falta se deve a alguma falha na gestação; o que pode acarretar raiva da mãe por tê-la gerado mutilada. O menino exibe orgulhoso, seu pênis, que mais tarde se transformará em símbolo de poder e força - o falo. A menina, nessa fase do desenvolvimento sexual, não percebe sua vagina como a condição biológica da mulher e vive a experiência da falta, da incompletude.

Embora seja evidente que os estereótipos masculino e feminino passam por uma transformação na sociedade atual, o autor fala de uma certa rivalidade conjugal pelo chamado "papel masculino". Surgem questionamentos tais como: até que ponto a esposa deve renunciar a suas qualidades "masculinas", depositando-as no marido e apoiar-se nele de forma frágil e passiva? Por outro lado, por que o marido deve comportar-se sempre como a parte forte do casal sem espaço para suas tendências regressivas?

Na colusão fálico-edípica subjacem dois tipos de conflitos, anteriores ao casamento; um, referente ao relacionamento com o progenitor de sexo oposto e o outro, quanto à identificação com o progenitor do mesmo sexo.

A identificação com o progenitor do sexo oposto produz a colusão fálica. A esposa tenta, num primeiro momento da vida em comum, compensar sua vivência da castração através da posse da sexualidade do marido. Agora, pensa ela, tem dentro de casa o pênis desejado na infância; apossa-se do "papel masculino" na medida em que descobre que através de sua sexualidade "mutilada" torna o marido mais homem. Essa descoberta sig

nifica que o desempenho e a satisfação sexuais do marido dependem dela.

Como o marido manifesta a sexualidade na colusão fálico-edípica? Por causa dos remanescentes do complexo de Édipo não consegue explorar plenamente sua sexualidade fálica. Resta-lhe, como alternativa, uma relação afetuosa e gentil com a sua mulher, como outrora fizera com a mãe. Que acontece com a sexualidade fálica que não pôde manifestar na infância? Manifesta-la-á *quando* e *na medida* que a esposa o desejar. Entrega sua sexualidade nas mãos da esposa e espera, ansioso, que esta lhe procure para liberar toda a energia sexual reprimida.

A esposa, num primeiro momento da relação, pensou poder recuperar o pênis e preencher a falta, na medida em que servia como estímulo para a sexualidade masculina. Agora, decepcionada, tem inveja do marido, pois não consegue a plena identificação. Afasta-se e não o procura mais. E como a atividade sexual do marido depende da solicitação da esposa - como vimos antes - o casal entra num círculo vicioso segundo Willi: "O marido diz - sou tão impotente porque você me castra - e a mulher responde - eu lhe castro porque você é um João Ninguém impotente" (p. 163).

É importante ressaltar que para Willi os tipos de colusão não são categorias de casamento. As diversas formas de colusão são princípios dinâmicos que podem estar presentes simultaneamente no mesmo casal, embora seja freqüente que predomine um tipo.

A colusão possui alguns pontos de contato com os prin

cípios psicodinâmicos, ou seja, a colusão oral corresponde ao princípio da demarcação intradiádica frouxa e ao princípio das atitudes progressivo-regressivas polarizadas. A colusão anal, por sua vez, corresponde ao princípio da demarcação intradiádica rígida.

Constatamos também que as tipologias propostas por Willi e por Blassel coincidem em alguns aspectos, pois o princípio da demarcação intradiática frouxa e o princípio das atitudes progressivo-regressivas polarizados correspondem ao tipo de dinâmica conjugal baseado nos desejos de dependência proposto por Blassel. Assim como o princípio da demarcação intradiádica permeável e o princípio da estima recíproca mantêm semelhanças com a dinâmica conjugal baseada nos desejos eróticos (Blassel).

Consideramos a tipologia de Willi mais abrangente e acrescentamos a ela apenas alguns tipos de dinâmica conjugal propostos por Blassel para termos as categorias da manifestação das dimensões de individualidade e de conjugalidade com as quais trabalhamos nesta pesquisa.

Classificamos, portanto, as manifestações da individualidade e da conjugalidade segundo três possibilidades:

- Predominância da dimensão de individualidade. (1)
  Prevalecem os aspectos da relação intradiádica rígida e a colusão anal e atitudes progressivas ou regressivas.

- Predominância da dimensão de conjugalidade. (2)
  Prevalecem os aspectos da relação intradiádica frouxa,

as atitudes progressivo-regressivas polarizadas, a colusão oral e os desejos de dependência.

. Equilíbrio entre as dimensões de individualidade e de conjugalidade. (3)

Predominam os aspectos da relação intradiádica permeável, tendência à colusão fálico-edípica, estima recíproca e desejos eróticos.

ESQUEMA

	Princípios psicodinâmicos	Colusão	Dinâmica conjugal (Blassel)
Individualidade ∨ Conjugalidade	. Relação intradiádica rígida . Atitudes progressivas	anal	-
Conjugalidade ∨ Individualidade	. Relação intradiádita frouxa . Atitudes progressivas e regressivas polarizadas	oral	desejo de dependência
Individualidade ‖ Conjugalidade	. Relação intradiádica permeável . Atitudes progressivas e regressivas	tendência para à fálico-edípica	desejos eróticos

Porém, tais tipologias não se constituem em unidades estanques, pois toda relação conjugal é influenciada por as-

pectos referentes às duas dimensões, embora haja quase sempre a predominância de um tipo de dimensão.

Após o estudo dos diferentes autores, podemos entender individualidade e conjugalidade do seguinte modo:

- Individualidade. O ser humano se torna um indivíduo na medida em que se vê como um todo integrado no tempo e no espaço e tem consciência de si mesmo como um ser diferente dos outros.
- Conjugalidade. A conjugalidade se refere ao compromisso de interação duradoura que duas pessoas estabelecem a nível sexual e afetivo.

III - OBJETIVOS DO TRABALHO

Esta é uma pesquisa sobre o recasamento que tem como objetivo principal investigar a relação entre as dimensões de individualidade e de conjugalidade.

Subdividimos o objetivo principal em três questões específicas:

a) Há diferenças significativas na vivência da individualidade e da conjugalidade no casamento e no recasamento?

b) No recasamento há equilíbrio entre a dimensão individualidade e de conjugalidade, ou pelo contrário, predomina uma delas?

c) No homem recasado e na mulher recasada há diferenças significativas na vivência da individualidade e da conjugalidade?

Com este trabalho pretendemos colaborar para a compreensão, cada vez mais ampla, da dinâmica conjugal no recasamento.

IV - METODOLOGIA

a) Sujeitos

São sujeitos deste estudo dez (10) pessoas, cinco homens e cinco mulheres de classe média carioca.

Oito (8) sujeitos são recasados com cônjuges divorciados e dois (2) têm cônjuges que estão no primeiro casamento. Três (3) sujeitos têm filhos no recasamento e sete (7) os filhos são de casamento anterior.

Todos os sujeitos moram com o novo cônjuge há mais de dois (2) anos, embora nem todos tenham legalizado juridicamente a união.

No quadro que se segue apresentamos as características dos sujeitos mais relevantes para este estudo.

SUJEITOS	IDADE	PROFISSÃO	1º CASAMENTO			INTERVALO	2º CASAMENTO		
HOMENS			IDADE	DURAÇÃO	FILHOS		IDADE	DURAÇÃO	FILHOS
Nº 1	45	Advogado	24	7	1	2º casamento 6 anos	3º casamento 37	8	1
Nº 2	48	Professor	26	15	3	2 anos	43	6	-
Nº 3	42	Publicitário	24	6	1	2 anos	32	7	2
Nº 4	54	Advogado	21	10	2	± ano	±32	22	-
Nº 5	41	Oficial da Marinha	23	5	2	5 anos	33	8	-
MULHERES									
Nº 1	37	Professor	20	8	-	1 ano	29	7	1
Nº 2	45	Bancária	19	13	2	4 anos	36	8	-
Nº 3	40	Psicanalista	21	6	1	1 ano	28	12	1
Nº 4	35	Psicóloca	23	4	-	1 ano	28	8	2
Nº 5	47	Psicanalista	23	5	-	18 anos	36	11	-

b) Levantamento dos dados

Os dados da pesquisa foram obtidos através de entrevistas individuais semi-estruturadas[1], onde abordamos os seguintes termos: vida profissional, vida social, lazer, comunicação conjugal, relacionamento sexual e distribuição de tarefas.

c) Análise dos dados

Para avaliar as manifestações da individualidade e da conjugalidade no recasamento formulamos algumas categorias temáticas a partir do esquema proposto no ítem II b.

Convém ressaltar, todavia, que o conhecimento da dinâmica conjugal fornecido por esses autores decorre do método clínico. O setting clínico é um lugar privilegiado onde se manifesta o inconsciente dos cônjuges.

Não é objetivo deste trabalho pesquisar as motivações inconscientes que levam o casal a estabelecer um determinado modelo de relacionamento. Pensamos, entretanto, que é possível utilizar as noções do *princípios psicodinâmicos* (Willi) e a *teoria dos desejos* (Blassel) como subsídios para organizar algumas categorias temáticas sobre a individualidade e a conjulidade.

Categorias temáticas

Categoria nº 1 Comunicação intradiádica

A comunicação intradiádica se refere à troca de in

---

1 - Em anexo, apresentaremos duas entrevistas.

formações que há entre os cônjuges a respeito das vivências pessoais de cada um e a respeito da relação conjugal.

Existem três tipos de comunicação intradiádica:

1.1 Comunicação intradiádica rígida. O casal levanta um muro de proteção entre si para preservar suas individualidades e proteger a intimidade de cada um.

1.2 Comunicação intradiádica frouxa. A comunicação intradiádica se torna tão profunda e ampla que desaparece a intimidade de cada um dos cônjuges.

1.3 Comunicação intradiádica permeável. Existe o intercâmbio de vivências pessoais entre os cônjuges mas há também espaço para a intimidade de cada um deles.

Categoria nº 2 <u>Comunicação extradiádica</u>

A comunicação extradiádica se refere às informações que o casal ou cada um dos cônjuges mantêm com pessoas fora da relação conjugal propriamente dita, ou seja, filhos, parentes ou amigos.

Existem três tipos de comunicação extradiádica:

2.1 Comunicação extradiádica rígida. O casal levanta um muro de proteção em relação ao exterior e mantêm as fronteiras extradiádicas impermeáveis.

2.2 Comunicação extradiádica frouxa. A comunicação com pessoas fora da relação conjugal propriamente dita se torna tão intensa e freqüente que esta perde suas características.

2.3 Comunicação extradiádica permeável. Existe comunicação com pessoas fora da relação propriamente dita mas o casal preserva também a intimidade conjugal.

Categoria nº 3 Atitudes progressivas e regressivas

As atitudes progressivas se referem àqueles comportamentos cujas características são o sentimento de autoconfiança e a identidade pessoal que torna o eu diferente dos outros.

As atitudes regressivas se referem à tendência a assumir comportamentos próprios da infância, onde predomina o sentimento de dependência em relação ao outro.

Categoria nº 4 Divergências de opinião

Entendemos por opinião a formulação conceitual própria que a pessoa tem a respeito de um assunto e a leitura pessoal que faz dos fatos.

Quando isso não coincide entre duas pessoas, falamos em divergência de opiniões.

Categoria nº 5 Valores pessoais

A quinta categoria não se refere apenas a princípios basilares que dão sentido à vida da pessoa, mas também a certos objetos (ex: realização profissional) e a certas atitudes perante a vida (ex: honestidade, respeito pelo outro, etc).

Categoria nº 6 Gostos pessoais

Entendemos por gostos pessoais aquela dimensão do ser humano ligada ao laser e à recreação, a nível do esporte, da arte ou da maneira peculiar de preencher o descanso.

Categoria nº 7 Satisfação sexual

Entendemos por satisfação sexual não apenas a descarga mecânica de excitação sexual através do orgasmo. A satisfação sexual é definida neste trabalho como um encontro entre duas pessoas onde os cônjuges dão e recebem prazer sexual; a sexualidade torna-se uma troca.

Categoria nº 8 Relações extraconjugais

Relação extraconjugal refere-se a experiência sexual completa por parte de um dos cônjuges com uma ou várias pessoas fora do casamento. É necessário ressaltar, todavia, que não será considerada relação extraconjugal o envolvimento afetivo e sexual duradouro com uma pessoa fora do casamento; isso constitui uma relação conjugal paralela.

Categoria nº 9 Administração e uso dos bens

Esta categoria está relacionada ao grau de autonomia que cada um dos cônjuges possui para decidir sobre a adquisição, venda e uso do patrimônio móvel e imóvel, adquirido após o recasamento.

Categoria nº 10 Distribuição das tarefas

Entendemos por tarefas as atividades necessárias para o funcionamento da família; de modo especial nos referimos a ganhar dinheiro, administrar os bens, e a casa (comida, roupa, limpeza, pagamentos), cuidar dos filhos.

Através das dez (10) categorias podemos dividir a dinâmica conjugal em três modelos:

. Predominância da individualidade na relação conjugal. Individualidade Conjugalidade. (1) *

- Comunicação intradiádica rígida.
- Comunicação extradiádica frouxa.
- Predominância de atitudes progressivas em ambos os cônjuges.
- Tendência a resolver os impasses através do ponto de vista pessoal.
- Tendência a preservar valores pessoais sem levar em conta o(a) parceiro(a).
- Tendência a preservar hábitos e gostos pessoais sem levar em conta o(a) parceiro(a).
- Busca predominante da própria satisfação sexual.
- Possibilidade de relações extra conjugais.
- Independência quanto ao uso de dinheiro e bens.
- Distribuição estereotipada das tarefas.

. Predominância da dimensão de conjugalidade na relação conjugal. (2) *

- Comunicação intradiádica frouxa.

- Comunicação extradiádica rígida.
- Predominância de atitudes progressivas e regressivas polarizadas.
- Tendência a resolver os impasses através do ponto de vista do parceiro.
- Tendência a abrir mão de valores pessoais em função da vida em comum.
- Tendência a abrir mão de hábitos e gostos pessoais em função da vida em comum.
- Busca predominante da satisfação sexual do parceiro.
- Postura intransigente quanto à possibilidade de relações extra conjugais.
- Administração predominantemente em comum do dinheiro e bens.
- Distribuição indefinida das tarefas.

. Equilíbrio entre as dimensões da individualidade e de conjugabilidade na relação conjugal:

- Comunicação intradiádica permeável.
- Comunicação extradiádica permeável.
- Alternância das atitudes progressivas e regressivas.
- Tendência a resolver os impasses através do diálogo.
- Preservação dos valores pessoais de ambos os cônjuges.
- Preservação de hábitos e gostos de ambos os cônjuges.
- Busca da satisfação sexual mútua.
- Diálogo sobre a possibilidade de relações extra conjugais.
- Certa autonomia em relação ao uso do dinheiro e bens.
- Distribuição flexível das tarefas.

V - ANÁLISE DOS DADOS

Categoria nº 1 Comunicação intradiádica

Casamento - Observamos que havia pouca comunicação com o(a)parceiro(a). Constituíam dois mundos fechados, mesmo quando estavam em casa. Uma mulher fez o seguinte comentário" "ele colocava fone no ouvido, escutando música a noite toda ou trabalhava com fotografias e eu era muito casa; nesta época eu fazia faculdade, então, à noite, eu cuidava muito da casa, me voltando para a casa, para a filha, para o estudo".

A falta de comunicação era provocada em certos casos, pelo desnível cultural ou pelo tipo de trabalho realizado. "Eu acho que o relacionamento do casal com a mulher trabalhando fora é muito melhor do que com a mulher dentro de casa, porque dentro de casa vai falar o quê, está faltando isso, está faltando aquilo, a empregada fez...", foi a razão alegada por um sujeito para justificar a falta de comunicação com a esposa.

Alguns sujeitos não conversavam nem mesmo sobre problemas que afetavam diretamente a relação conjugal. "Tinha vezes que eu estava dentro de casa e me perguntava que é que estou fazendo aqui dentro; minha vontade era de não estar mais aqui, sábado e domingo enfiado dentro de casa com uma pessoa que não tem nada a ver comigo...", comentou um sujeito, cujo casamento acabou após vários anos de esmorecimento afetivo sem nunca ter falado no assunto com a esposa.

Recasamento - Observamos, por outro lado, que a comunicação in

tradiádica tem características próprias no recasamento. Ela é, em primeiro lugar, mais freqüente que no casamento. Além da freqüência, a comunicação apresenta outra característica enfatizada pelos cônjuges: o respeito. Vários sujeitos falam que quando surgem imprevistos no trabalho comunicam ao parceiro que chegarão mais tarde. É importante ressaltar que essa atitude contrasta com a assumida no casamento, quando "não dava satisfação, não participava o que estava fazendo ou não. Para mim, no outro casamento, eu acho que ela pensava que eu estava com outra, que estava na farra... E, também, não estava me importando".

Mas não é só a freqüência e o respeito que caracterizam a comunicação intradiádica no recasamento, observamos que existe mais profundidade. Ela é franca - "olha, acho que a coisa é colocada praticamente toda" - e íntima - "eu divido tudo com ela, não tenho medo; eu choro, fico zangado... Mostro que estou preocupado... essas coisas todas". No casamento a intimidade não era tão compartilhada e um sujeito falando de seus problemas pessoais, declara: "com a primeira mulher eu absorvia tudo".

Um outro aspecto que convém ressaltar é a postura que o homem recasado e a mulher recasada assumem em relação à comunicação intradiádica.

Os maridos entrevistados apresentam uma certa falta de consideração para com a primeira esposa; não se comunicavam com ela porque os assuntos que lhes preocupavam eram pessoais (trabalho, dinheiro) e aqueles que eram comuns (casa, filhos) pertenciam à mulher.

No recasamento, a postura masculina é diferente; os problemas - particulares ou comuns - são geralmente partilhados.

Categoria nº 2 Comunicação extradiádica

Casamento - No casamento predominava a comunicação extradiádica individual, ou seja, os sujeitos conversavam mais com pessoas estranhas à relação. Tinham pouco diálogo com seus cônjuges, pois os momentos em que estavam juntos ou predominava o isolamento ou a comunicação se diluía no grupo de amigos.

Cabe ressaltar, também, que no casamento eram freqüentes os amigos particulares de cada cônjuge, com quem este desabafava seus problemas ou curtia os momentos de lazer. Faziam questão de manter os amigos pessoais fora da relação conjugal.

Recasamento - Observa-se uma nítida diferença na comunicação extradiádica no recasamento. Prevalece a tendência a inserir os amigos na relação, ou seja, os amigos anteriores ao recasamento passam a formar parte do círculo de amizades do casal, embora isso provoque atritos entre os cônjuges: "Veja bem, eu sou uma pessoa que tenho facilidade de fazer amizade, inclusive com homens. Quando casamos (recasamento) é certo que ele teve certo grilinho com alguns, mas disse claramente a ele que não abriria mão porque ou você está comigo confiante que eles são meus amigos ou não dá, porque não acredito numa relação em que não haja confiança. Mas ele fe

lizmente superou isso..." Permanece como característica constante nos sujeitos entrevistados a preocupação para não excluir o cônjuge da vida social.

Alguns sujeitos, todavia, freqüentam, sozinhos, certos grupos de amigos como turma de faculdade, equipe de trabalho; mas o fazem esporadicamente ou com conhecimento do(a) cônjuge. Existe acordo para esse tipo de programa.

Não constatamos diferenças significativas quanto à comunicação extradiádica no homem recasado e na mulher recasada.

Categoria nº 3 - Atitudes progressivas e regressivas

Casamento - A relação conjugal apresenta uma tendência a atitudes progressivo-regressivas polarizadas no casamento, ou seja, um dos cônjuges assumia a postura de protetor e o outro a de protegido.

Cabe notar, todavia, que as atitudes progressivo-regressivas apresentam uma característica: os homens assumiam o papel da figura protetora no que dizia respeito ao sustento da família, porém precisavam de uma mãe (esposa) que cuidasse deles em casa (alimentação, roupa, etc). Embora ambos os cônjuges assumissem atitudes progressivas e regressivas faziam-no em áreas específicas da vida conjugal, sem permuta - o homem, sustentar a família; a mulher, administrar a casa.

Não aparece com tanta nitidez a polarização das atitudes em relação aos problemas pessoais dos cônjuges, embora seja possível observar que os homens procuravam mostrar-se fortes, não dividindo suas preocupações com as esposas.

Recasamento - Observamos que no recasamento a relação das atitudes progressivas e regressivas é diferente. Os cônjuges apoiam-se mutuamente em momentos de dificuldade; vivem alternadamente os papéis de protetor - protegido, e isso depende muito do momento pelo qual o cônjuge está passando, por exemplo, perda de um parente, problemas no trabalho. Mas, além desses momentos em que a relação de ajuda fica clara, os cônjuges recasados vivenciam atitudes progressivas e regressivas de acordo com a situação.

Como ambos os cônjuges colaboram financeiramente no sustento da família, desaparece no recasamento a polarização freqüente no casamento: o homem sustenta a família e a mulher cuida dela.

Não observamos diferenças significativas quanto à vivência das atitudes progressivas e regressivas no homem recasado e na mulher recasada.

Categoria nº 4 - <u>Divergências de opinião</u>

Casamento - Observa-se que no casamento havia relutância a abrir mão da opinião própria para chegar a um acordo. Predominavam as atitudes individualistas, permanecendo cada cônjuge irredutível no seu ponto de vista e, com isso, as discordâncias acabavam, em alguns casos, em brigas conjugais: "a gente ficava às turras".

Uma outra atitude menos marcante que a anterior pode ser chamada de vida paralela, ou seja, cada cônjuge agia de acordo com sua opinião: "...era uma paralela que jamais se cru

zava, cada um sem seu ponto de vista".

Aparece, ainda, uma terceira postura que os sujeitos descrevem como indiferença; o casal não discutia porque havia pouco envolvimento afetivo na relação conjugal.

Recasamento - Embora apareça também uma tendência a preservar o ponto de vista pessoal, a intransigência é menor que no casamento.

Os cônjuges conseguem dialogar e, mesmo que um deles seja intransigente no momento, o casal consegue voltar depois ao assunto para encontrar uma solução comum. Cabe ressaltar que é geralmente o homem que assume a postura intransigente momentânea através de uma reação emocional deseguilibrada e agressiva: "Ele é capaz de grandes estardalhaços por coisas bobas... no momento da crise, eu me calo; eu deixo a poeira assentar e normalmente ele cai em si, reconhece que engrossou".

Categoria nº 5 - Valores pessoais

Torna-se necessário ressaltar que os sujeitos são unânimes afirmando que não abrem mão dos valores éticos, ou seja princípios de vida - "aquilo que dá sentido a minha vida" - para preservar o casamento, até mesmo porque, nesse caso, ele não existe mais. Mas quando se trata de valores não tão importantes, aparecem diferenças quanto à preservação dos mesmos no casamento e no recasamento.

Casamento - Observa-se que no casamento a preservação dos valores era unilateral. Prevaleciam, quase sempre, os valores do marido, mormente no que dizia respeito à vida profissional. A estrutura conjugal e familiar girava em torno do homem. Algumas mulheres mudaram seu estilo de vida - tornaram-se donas de casa - e outras mudaram de cidade ou país para acompanhar os maridos.

Recasamento - No recasamento aparece uma tendência a preservar os valores de ambos os cônjuges. Isso, às vezes, não é tão difícil porque há maior afinidade entre eles.

Quando os objetivos dos cônjuges divirgem, o caminho encontrado é, freqüentemente, o diálogo para se chegar a um acordo; acordo este que implica em renúncias mútuas em função da vida conjugal.

Existe uma diferença quanto ao tipo de valor privilegiado pelo homem e pela mulher. No casamento o homem privilegiava os valores relacionados com a profissão e o sustento da família, enquanto a mulher dava preferência à vida conjugal, abrindo mão, às vezes, da sua vida profissional. Mas podemos observar que no recasamento essa polarização desaparece; tanto o homem quanto a mulher valorizam a vida conjugal e a profissão. Tentam conciliar ambas.

Categoria nº 6 - Gostos pessoais

Casamento - Existe uma nítida tendência a preservar os gostos pessoais no casamento. Em alguns casos a busca do lazer era tão individualista que "não estava nem aí para

o lazer dela". O modo de resolver os impasses em relação à divergência de gostos era fundamentalmente o individualismo, ou seja, como não chegavam a um acordo, cada um buscava seu próprio lazer.

Recasamento - No recasamento aparece uma afinidade maior entre os gostos dos cônjuges. Geralmente gostava das mesmas coisas. A satisfação pessoal é mais freqüente e não fica difícil ceder em certos momentos: "A única coisa que tínhamos em comum era a praia... No segundo casamento é diferente porque 90% dos lazeres são comuns.... Mas também faço algumas coisas que não gosto, por exemplo, ela adora teatro; vamos ao teatro? aí eu vou, mas é exporadicamente... não é sacrifício, é ceder um pouco. Vamos toda semana ao teatro? aí não, aí não dá..."

Categoria nº 7 - <u>Satisfação sexual</u>

Casamento - As respostas sobre a satisfação sexual variam de sujeito para sujeito, pois a sexualidade é uma experiência muito pessoal. Observamos, entretanto, que nos homens havia uma tendência à busca do próprio prazer sexual. Um ignorava completamente a companheira a ponto de reconhecer que: "...estava pouco me lixando para o prazer dela...", mas outros afirmam que, além de buscar o próprio prazer, também levavam em conta o da companheira.

Quando as mulheres falam sobre a sexualidade coincidem num ponto: a vivência da sexualidade foi influenciada pela mentalidade da época, ou seja, a esposa devia, em primeiro lu

gar, satisfazer o marido. O gozo não era uma característica intrínseca à sexualidade feminina; ele podia acontecer ou não. A preocupação da mulher era fundamentalmente acompanhar o processo da sexualidade masculina: ereção, penetração, ejaculação e gozo.

Recasamento - Observamos que há mudanças no que diz respeito à satisfação sexual. A preocupação dos homens em dar prazer à esposa aumenta no recasamento e alguns afirmam que o prazer da companheira está acima da própria satisfação sexual.

As mulheres, por sua vez, buscam o prazer sexual, embora ainda exista uma certa resistência a procurar o marido. Apesar disso, a sexualidade torna-se uma troca, onde os cônjuges dão e recebem prazer.

Categoria nº 8 - <u>Relações extraconjugais</u>

Sobre este assunto as pessoas falam das possíveis reações diante da experiência extraconjugal do(a) parceiro(a), pois nenhuma delas soube de fato durante o casamento. Um sujeito fala que a esposa realmente manteve relações extraconjugais, mas só soube disso depois da separação quando o vínculo afetivo entre eles já tinha acabado.

Casamento - A maior parte dos sujeitos concordam que a reação frente à relação extraconjugal seria radical no casamento. Não admitiriam, sob hipótese nenhuma, que o cônjuge tivesse alguma experiência sexual fora do casamento.

As reações variam de acordo com o temperamento e o sexo das pessoas entrevistadas. Os homens mais radicais falam em morte do cônjuge, lavar a honra com sangue..., outros, não tão radicais, e as mulheres, falam em separação imediata. Fica evidente que de qualquer maneira a postura frente à relação extraconjugal no casamento se caracteriza pela intransigência, sem lugar para o diálogo. As motivações que provocam as relações extraconjugal não são suficientes para superar a crise e manter o casamento.

Recasamento - Observamos que a postura dos sujeitos frente à relação extraconjugal no recasamento é diferente. Teoricamente, ou seja, a nível racional, quase todos admitem que o diálogo seria o melhor caminho para superar a crise. Alguns sujeitos acham que é importante conhecer os motivos que levam o parceiro a buscar sexo fora da relação para examinar até que ponto eles não são culpados por isso. Mas quando se trata da reação emocional fica a dúvida. Acham que será difícil aceitar e, com certeza, abalará muito a relação conjugal. Há quem mantenha a mesma postura que no casamento, nada justifica a relação extraconjugal e por isso, se ela acontecer, romperá imediatamente seu recasamento.

Categoria nº 9 - Administração e uso dos bens

Casamento - Predomina no casamento uma estrutura conjugal de dependência em relação ao uso do dinheiro. O homem era o provedor do sustento material do casal e, por isso, administrava os bens e o dinheiro. Era ele que decidia o que se devia comprar ou não, que destino dar às economias.

Para administrar a casa, a esposa tinha que pedir dinheiro ao marido, que exigia, em muitos casos, explicação de cada despesa feita. Mesmo quando a esposa precisava de dinheiro para uso pessoal era o marido que decidia. Em alguns casos a estrutura conjugal era tão estereotipada que a esposa entregava seu salário ao marido para que este o administrasse: "eu não tinha nem talão de cheques..."

Não podemos deixar de notar que algumas mulheres nunca aceitaram essa estrutura masculina dominante.

Recasamento - No recasamento observa-se uma mudança da estrutura conjugal. A figura feminina torna-se mais ativa e coparticipante nas decisões. No que diz respeito à administração e uso dos bens, a decisão cabe ao casal e não mais apenas ao marido. Isso se deve a dois fatores: a) a mulher trabalho fora de casa; b) conscientização do papel feminino na sociedade.

a) Em primeiro lugar, quase todas as mulheres entrevistadas[4] trabalham fora de casa, cujo salário é importante para o sustento da família. Em alguns casos, ambos os cônjuges contribuem em igualdade de condições. Por isso, o marido não detém mais o poder sobre o uso do dinheiro.

Geralmente, tudo que foi conquistado a partir do recasamento é administrado em comum. Só tivemos oportunidade de observar um caso em que os cônjuges mantêm o controle sobre seu próprio dinheiro sem interferência do parceiro: "eu pago a minha parte e com o restante do dinheiro faço o que quero..." Mas a forma mais freqüente de administrar os bens do casal é

através do diálogo.

b) Outro fator que influencia a mudança da estrutura conjugal no que diz respeito à administração dos bens se deve à conscientização do papel da mulher na sociedade. Várias mulheres entrevistadas falaram que hoje não aceitam mais o papel exclusivo - e excludente - de donas de casa. A profissão tornou-se uma necessidade para sua realização.

Mas houve também como mudança na mentalidade dos homens entrevistados. Um deles, cuja mulher não trabalha fora de casa, divide a administração com ela. No casamento o dinheiro ficava em seu poder e só dava pequenas quantidades à esposa de acordo com as necessidades domésticas. Hoje a conta é conjunta e a esposa usa de acordo com as necessidades sem a interferência direta dele.

Categoria nº 10 - Distribuição das tarefas

Casamento - Observamos uma distribuição estereotipada das tarefas entre o homem e a mulher no casamento. Cabia aos sujeitos masculinos entrevistados procurar o sustento da família através do trabalho fora de casa. Essa função era desempenhada com tanta dedicação que não sobrava tempo para conversar com a esposa: "Investia muito no trabalho, muito tempo no trabalho e não só no trabalho fora de casa, mas quando ia para casa, ia trabalhar de novo; aquele trabalho em casa era a coisa mais importante..."

A vida profissional do homem era tão importante que várias esposas abriram mão da sua para não prejudicar o marido.

Outra característica masculina encontrada no casamento era a falta de cooperação nas tarefas domésticas, mesmo quando a esposa trabalhava fora de casa: "No primeiro casamento nunca entrei na cozinha".

A estereotipia se repete nas funções atribuídas à mulher no casamento. Cabia a ela cuidar da casa e dos filhos, quer fosse de forma direta - dona de casa -, quer fosse através de empregadas.

Observamos também que essa função desempenhada pela mulher dependia, em certos casos, da postura intransigente do marido e, em outros, dela mesma. Dois exemplos ilustram esta observação.

No primeiro caso se trata de uma mulher que não trabalhava fora porque o marido não deixava. Em certa ocasião, quando manifestou vontade de fazer um curso de inglês, o marido lhes respondeu: "Você não precisa aprender inglês para ficar em casa".

O segundo depoimento é dado por uma mulher que saiu de casa aos 18 anos em busca de liberdade e autonomia, porque não concordava com a postura submissa da mãe ao marido. Quando casou, ela diz o seguinte: "Quando assinei o papel, eu mudei: Eu tive vontade de ser a esposa que fica em casa esperando, de fazer comida... Era muito engraçado me ver fazendo isso... que realidade é essa que eu não conheço e nunca fui...?

Recasamento - A postura dos cônjuges quanto às tarefas desempenhadas no recasamento apresenta diferenças em relação aos relacionamentos conjugais anteriores.

Em primeiro lugar, observamos que não existe uma distribuição rígida das tarefas, pois nove dos dez sujeitos entrevistados trabalham fora de casa. No casamento, apenas duas mulheres desempenhavam tarefas fora de casa. A dicotomia, observada no casamento, trabalho profissional - trabalho doméstico diminui. Ambos são realizados pelo casal: "...a maioria das vezes os dois juntos. Nós não temos empregada nos fins de semana, né! Então, a gente faz a comida juntos. Normalmente acaba tendo umas pequenas diferençazinhas porque eu prefiro mais uma coisa, ela prefere outra, mas sempre os dois juntos na mesma hora".

Mas não podemos deixar de notar que o trabalho doméstico, geralmente, cabe à mulher na forma de coordenação geral da casa; entretanto, não já como função exclusiva dela. O marido participa em maior ou menor grau.

Um outro ponto merece ser ressaltado. No recasamento o homem perde a hegemonia que tinha na relação conjugal anterior. Em parte, esse papel dominante era conseqüência da sua função de provedor dos recursos materiais. No recasamento, o dinheiro ganho pelo marido nem sempre é suficiente: "...aí é que eu te digo, esse dinheiro é importante para nós, para nossa sobrevivência", comenta uma mulher a respeito do seu salário.

Além disso, um outro fator que contribui para o homem não ser mais a figura dominante na relação conjugal se deve à conscientização que a mulher tem do seu valor. Mesmo quando o marido praticamente sustenta a casa, a mulher não aceita mais a postura passiva de antes: "Hoje posso até deixar de fazer alguma coisa para agradá-lo. mas nunca porque ele não deixa..."

VI - CONCLUSÕES

Através do material fornecido nas entrevistas e analizado a partir das categorias temáticas, podemos destacar algumas conclusões.

Quanto à primeira questão específica proposta neste trabalho - há diferenças significativas na vivência da individualidade e da conjugalidade no casamento e no recasamento? - fica claro que ambas as duas dimensões permeiam a relação conjugal no casamento e no recasamento. Entretanto, há diferenças significativas.

A relação conjugal no casamento caracteriza-se pela presença maciça de atitudes individuais e conjugais polarizadas, ou seja, ora os cônjuges estabelecem limites rígidos entre si, ora se misturam no eu conjugal, onde desaparecem as fronteiras das duas individualidades. A dinâmica do casal flutua entre atitudes intradiadícas rígidas e frouxas, que Willi inclui dentro do campo patológico. À preservação veemente da autonomia sucedem-se momentos de total dependência, postura típica da fase adolescente, como ressalta Kusnetzoff. Alguns cônjuges chegam a verbalizar que o primeiro casamento foi mais um ato de auto-afirmação perante a família nuclear do que uma opção de amor.

O medo de perder a autonomia transforma, às vezes, o casamento numa disputa pelo poder, como aparece na avaliação das categorias temáticas. Abrir mão da opinião pessoal, dos gostos, do lazer é encarado pelos cônjuges, no casamento, como perda de individualidade; daí, que uma atitude freqüente seja

a manutenção inflexível do ponto de vista pessoal e o fechamento no eu individual. Mas a atitude de isolamento nem sempre é provocada pelos dois cônjuges.

Se a preservação veemente da individualidade, própria da colusão anal, está presente no casamento, não faltam também atitudes de fusão entre os cônjuges. A relação de dependência entre os cônjuges, própria da colusão oral, marca a relação conjugal no casamento. Embora seja característica do casamento a defesa enérgica da individualidade de cada parceiro, aparece o envolvimento maciço das zonas porosas da personalidade que Lemaire chama de "magma envolvente inicial". Os papéis conjugais aparecem estereotipados; o marido assume a função de mãe-nutriente em relação ao sustento da família e a mulher estende os cuidados maternais ao esposo-lactante.

No recasamento diminuem algumas das características que a individualidade e a conjugalidade apresentam no casamento: a rigidez da preservação e a estereotipia dos papéis. A individualidade perde o aspecto de um certo medo paranoide que tinha antes. Os cônjuges preservam suas qualidades sem esquecer as do parceiro. O eu conjugal, no recasamento, surge como resultado da interação do eu de cada cônjuge, característica da relação intradiádica denominada por Willi de "flexível" e ambos os cônjuges tentam estabelecer os laços conjugais sobre os desejos eróticos, que Blassel chama de "eu *e* você". Esta atitude contrasta com a relação freqüente no casamento onde a prevalecem os desejos de dependência - eu *em* você - ou os desejos de independência - eu *ou* você.

Não se pode afirmar, entretanto, que o casamento es

teja baseado nos laços da necessidade e o recasamento nos laços do desejo. Lemaire afirma claramente que os dois tipos de laços fazem parte de toda relação conjugal. O que fica evidente é que o laço do desejo prevalece, geralmente, sobre o laço da necessidade no recasamento.

Quanto à segunda questão específica - no recasamento há equilíbrio entre as dimensões de individualidade e de conjugalidade ou, pelo contrário, predomina uma delas? - aparece uma tendência ao equilíbrio.

A dinâmica conjugal no recasamento está estruturada sobre *o processo de objetivação* proposto por Berger e Kelner. Os cônjuges possuem uma consciência mais sólida da sua individualidade, o que contribui para diminuir o medo de ser encampado pelo(a) parceiro(a). A construção do eu conjugal não é mais o resultado da fusão entre os cônjuges como acontece freqüentemente no casamento. Ambos preservam suas individualidades e criam espaços para a interação. O passado individual é preservado e reestruturado a partir da *nova realidade objetiva*.

Esse intercâmbio mais flexível entre a individualidade e a conjugalidade, observado no recasamento, favorece o equilíbrio da relação conjugal como ressalta Kaufmann. Os dados coletados nas entrevistas revelam que a vida conjugal no recasamento é mais duradoura - das dez (10) pessoas entrevistadas, sete (7) convivem há mais tempo com o(a) segundo(a) parceiro(a).

Acreditamos que os índices apresentados por Barwin-Legros onde aparece maior incidência de separações entre as pessoas recasadas, sejam o resultado de dois fatores: a) a própria instabilidade da década de 70 e b) a estruturação inci-

piente do recasamento naquela época. A cada dia que passa, o recasamento torna-se um modelo mais freqüente de organização conjugal e familiar, como admite Cheslin.

Além do equilíbrio entre as dimensões de individualidade e de conjugalidade, cabe ressaltar o aumento de estima mútua que aparece no recasamento. Os cônjuges se referem ao (a) parceiro(a) atual chamando-o pelo nome,ou por termos carinhosos como amigo(a), companheiro(a). O(a) primeiro(a) parceiro(a) é denominado geralmente como o outro(a); desaparece também no recasamento a conotação de indiferença ou até de empecilho para o crescimento pessoal que o(a) parceiro(a) tinha no casamento. Por isso a questão: crescimento pessoal x conjugalidade perde muito da dramaticidade que os autores apontam no casamento.

A interação mais equilibrada entre a individualidade e a conjugalidade faz com que não apareçam diferenças significativas na vivência das mesmas no homem recasado e na mulher recasada - terceira questão específica. Observa-se uma diminuição na estereotipia das funções atribuídas ao homem - fornecer o sustento - e à mulher - cuidar da casa.

Uma observação se faz necessária no final deste trabalho. As conclusões aqui ressaltadas não ultrapassam o próprio trabalho, ou seja, as diferenças encontradas na vivência da individualidade e da conjugalidade, no casamento e no recasamento, se referem a pessoas cujo primeiro casamento não obteve sucesso. Não levar em conta esse fato supõe aceitar o recasamento como um modelo de vida conjugal mais completo que o casamento.

Entretanto, surgem outras questões. As diferenças en

tre o recasamento e o casamento decorrem do fracasso na primeira tentativa de vida em comum ou são uma conseqüência do amadurecimento pessoal dos cônjuges? Convém lembrar que a faixa etária dos cônjuges quando do casamento era de 22,4 anos e no recasamento, de 32,7. As diferenças não poderão ser atribuídas ao que Willi chama de "Fases do casamento"? Nesse caso, o recasamento corresponderia à fase de estruturação e o recasamento à fase de meia-idade?

Consideramos que essas conclusões são úteis para o campo da terapia conjugal no sentido de ressaltar as diferenças existentes na dinâmica conjugal do casamento e do recasamento, diferenças essas que devem ser levadas em conta no atendimento a estes dois grupos de casais.

A N E X O S

Entrevistas com uma mulher e com um homem (Foram omitidos alguns trechos para não revelar a identidade dos entrevistados).

Entrevista nº 1

P - (Pesquisador) Podemos conversar um pouco sobre sua vida profissional...

E - (Entrevistado) Você quer que eu fale nas duas fases...?Veja bem, quando eu me casei a primeira vez eu era professora, eu era aquela pessoa muito normal da minha faixa etária e casei muito cedo; casei com 18 anos. Então fiz o normal e trabalhei um ano e meio ou dois; aí, meu ex-marido foi transferido e aí eu me desliguei. Aí ficamos 7 anos fora do Rio, tá. Lá eu ainda dei aula um ano ou dois no máximo, mas nada assim... Então não chegou a haver muito problema porque... eu era mãe de dois filhos pequenos, sem ninguém para ajudar; então não dei muita importância ao trabalho fora de casa e larguei. O que pagavam era pouco e não valia a pena. Então, a minha parte profissional no primeiro casamento foi praticamente nenhuma; foi o tempo que morei no Rio e era professora; não afetava em nada pois era aquele meio expediente, aquela coisa que não afetava em nada.

P - Você sentiu falta do trabalho fora de casa?

E - Não sentia, veja bem, primeiro porque nunca foi meu objetivo ser professora; não me realizava, e segundo que tinha tantos problemas ocupacionais com filhos muito pequenos,eu tive os filhos com diferença de dois anos, tá. Não tinha com quem deixar, então eu sempre tinha problemas tão atri

bulados dentro de casa que essa parte não... e por eu não ter uma profissão que realmente me agradasse...aquilo não chegou a ser uma falta para mim.

Quando eu me separei, aí sim, aí eu tive que trabalhar. Na época trabalhava numa empresa privada na parte comercial; depois surgiu uma chance de ir para uma estatal e eu trabalhei nela uns três anos até conhecer meu atual marido.

E isso aí é uma parte, talvez a menor da entrevista, que não afetou... veja bem, eu fui trabalhar depois quase como sobrevivência, você está entendendo? Como eu não tenho uma formação profissional, a não ser a do magistério, então meu trabalho na estatal foi muito bom, as pessoas com quem eu trabalhei...até a parte de eu me sentir útil, me sentir produtiva... Naquela época o trabalho foi muito bom para mim, para não depender de pensão de ex-marido. Porque nunca fez minha cabeça, por que vai que ter que me dar dinheiro? não tinha nada a ver; ele dava a pensão dos filhos porque aí ele tinha que dar, mas para mim nunca, apesar de eu não ter uma formação profissional.

Eu achava que era muito nova e tinha mais era que correr atrás, arrumar um emprego e batalhar minha sobrevivência. Isso não afetou em nada minha vida, quer dizer... meu atual marido é uma pessoa muito boa nesse aspecto.Ele não invade em nada minha vida sabe? Trabalhasse onde fosse que ele vai achar ótimo. Primeiro que esse dinheiro faz falta e você há de convir que ele não teria condições de sustentar tudo, além do mais que dá pensão e tal... e se

gundo que isso não afetou nunca minha vida não, porque eu vejo o trabalho como uma coisa que enquanto eu estou lá eu acho que sou uma excelente funcionária, tá. Eu não costumo trazer problemas para casa; então o trabalho nunca chegou a criar problemas na minha vida.

P - Podemos falar do círculo de amigos? Você...

E - Olha, a gente tem um círculo de amizades ótimo, e nesse ponto eu tive muita sorte porque meu marido é uma pessoa que... Amigos que eu tinha e mantenho até hoje ele curte muito; meu ex-marido..., ele adora meu ex-marido, minha relação com meu ex-marido é ótima, um dos melhores amigos do mundo, eu e meu ex-marido somos amicíssimos.

P - Mas você tem alguns amigos só seus?

E - Veja bem, eu sou uma pessoa que tenho facilidade de fazer amizades, inclusive com homens. Quando casamos, é certo que ele teve certo grilinho com alguns, mas eu disse claramente a ele que não abriria mão porque ou você está comigo confiando que eles são meus amigos ou não dá porque não acredito numa relação em que não haja confiança. Mas ele, felizmente, superou isso e hoje ele curte que eu tenha minhas amizades, que freqüentem a casa...

P - No primeiro casamento você também tinha seus amigos?

E - Não, porque eu conheci ele com 13 anos; então as amizades foram sendo feitas paralelamente.

P - Podemos falar um pouco de sua vida social?

E - Normalmente juntos, porque por coincidência... não, não acho que seja por coincidência, eu acho que até foi por isso que casamos, porque eu, inclusive era uma coisa que

eu não imaginava que fosse casar outra vez, porque era uma experiência que eu não queria ter outra vez, porque eu não precisava uma figura de homem nem para me sustentar nem para criar meus filhos, então... por que você me perguntou isso?

P - Como é sua vida social?

E - Nós temos gostos muito semelhantes; as coisas que ele gosta eu gosto e vice-versa. Meu marido é uma ótima companhia; se eu disser para ele: vamos ali até a esquina que tem um rato morto, ele vai achar ótimo o programa e vai. Existe uma coisa que ele não gosta, que é teatro. Mas, às vezes, ele faz o sacrifício por minha causa; mas eu também não insisto para ir todo dia porque eu sei que ele não curte muito. Nossa vida social é muito mais nós dois sozinhos.

P - Eu gostaria de conversar agora sobre um outro assunto. Quando você tem uma dificuladde, um problema pessoal com quem divide?

E - Ele me ouve muito, não é muito de perguntar; mas é ótimo no sentido que te ouve, ele manifesta interesse, você sente que não está aborrecido nem incomodado. Eu divido minhas preocupações com ele.

P - E no primeiro casamento?

E - Olha, é o que eu te digo, se você me pedisse para comparar eu ia te dar uma definição só, que para mim ela é definitiva, posso estar dizendo uma heresia, mas para mim é definitiva: tudo vai do seu sentimento, se ele existe, da profundidade, do tamanho... Veja vem, eu acho que é impossível para uma moça daquela época ter consciência de quanto ama

realmente... Eu era uma pessoa mais intransigente... lógico que a idade ensina. Hoje eu me abro com meu marido como não fazia no primeiro casamento.

P - Sobre as divergências de opinião...

E - Mal, muito pior que no primeiro casamento. Meu marido é uma pessoa muito mais difícil para lidar do que era o meu primeiro marido, pelo temperamento dele. Ele é uma pessoa, um ser humano maravilhoso, sabe? É incapaz de uma atitude de sacanagem... de um desvio de caráter. Mas tem um temperamento forte e difícil. Ele é capaz de grandes estardalhaços por coisas bobas.

Meu primeiro marido também era uma pessoa temperamental, mas um temperamental... veja -em, os dois parecem filhos únicos... só que o temperamento do outro não é ao nível do que é o do meu marido.

P - Então, como solucionam as divergências?

E - Eu não discuto mais; não tem condição, ele não tem equilíbrio... e eu sou uma pessoa de diálogo. Eu não decido nada no momento da crise, eu me calo; eu deixo a poeira assentar e, normalmente, ele cai em si e reconhece que engrossou. Aí, geralmente, chegamos a um acordo. Não existe nenhum caso, eu não me lembro pelo menor, de alguma coisa que ele tenha sido intransigente. Inclusive no caso do meu amigo que foi o primeiro namorado depois que me desquitei e depois ficamos grandes amigos, ele não queria nem cumprimentar. Falei: problema seu, porque eu vou continuar falando com ele, telefonou para cá. Depois, meu marido acabou aceitando, e hoje se dão razoavelmente bem.

P - No primeiro casamento?

E - Não, porque o que estou te dizendo, no meu primeiro casamento meu ex-marido também era um pouco temperamental, não do nível que meu marido é; mas eu encarava porque ele não era uma pessoa capaz de extrapolar...

P - Os valores éticos, morais...

E - Nós temos semelhantes, eu acho. A gente não discorda, só assim pequenas coisas, mas assim em coisas maiores, que eu não abriria mão, que estariam me agredindo na minha ética pessoal não existe.

Aí é que é difícil; eu tenho valores para mim que são definitivos, aí eu não acho nem que seja... sabe... aí eu acho que não dá para conviver; tem certas coisas que aí eu acho que não da para conviver. Eu não poderia conviver com um homem que não fosse extremamente honesto.

P - Gostaria, agora, de abordar um outro aspecto da relação. A sexualidade para você é sobretudo uma busca do próprio prazer ou leva em conta o prazer do outro?

E - Não; eu acho que eu fui criada em uma época péssima, a minha geração foi muito ruim para a mulher, a gente foi criada com uma série de tabus e de preconceitos...

Então eu sou uma pessoa que até hoje jamais procuro o marido, não procurei o primeiro e não procuro o segundo. É um bloqueio e não adianta.

P - Você pensa no prazer do outro?

E - Ah! eu acho que isso é básico, é fundamental. Agora eu acho que talvez por eu não saber o que era sexo, a minha primeira relação, não quer dizer que foi ruim, mas agora eu acho

que é melhor. E eu acho que o sexo para a mulher está muito relacionado ao amor, e mesmo com toda a liberação, eu acho que ainda continua.

P - E sobre experiências extraconjugais...

E - É o que eu te digo, eu acho que é uma opção dele, eu penso de uma certa forma como penso em relação a mim: eu vou achar que é porque não estou mais lhe satisfazendo ou não me ama mais, uma das duas coisas.

P - Mas esse entender até onde vai?

E - Aí que eu te digo, não sei porque eu também sou uma pessoa temperamental, não sei até que ponto vai me afetar ao ponto de eu tomar ou não uma atitude. No primeiro casamento não me incomodaria como hoje me incomodaria, aí vamos voltar aquele ponto inicial tudo é a profundidade do sentimento. Agora não pergunte qual seria a atitude... não sei te dizer. Acho que no primeiro casamento eu sairia e hoje tentaria pelo menos entender.

P - Sobre a organização das tarefas dentro de casa...

E - Olha a minha casa é uma casa meia... olha a empregada está aqui em casa há 15 anos, veio do primeiro casamento, então ela é que gerencia a casa, por isso esse aspecto de distribuição de tarefas não existe muito. Quanto a pagamentos ou outros assuntos, pelo fato do meu marido ser uma pessoa muito ativa e eu sou mais acomodada e fiquei 5 anos separada tendo que resolver tudo, então quando eu casei ele meio que açambarcou tudo. Agora eu sei tudo que está acontecendo, quanto se paga disso, quanto se paga daquilo...Ele manda pagar, mas eu sei; logicamente que minha parte não, toda

a parte dos meus filhos... Agora ele é uma pessoa ótima, não tem nada de machista, ele faz certas tarefas quando a empregada sai, bota a mesa, põe a comida no forno... Não há tarefas definidas dentro de casa.

P - E quanto aos bens...

E - Existem coisas determinadas, eu pago isso, você paga aquilo... cada um usa seu dinheiro, mas sem ser rígido, sem cobranças.

P - E no primeiro casamento?

E - Era uma m..., porque eu não trabalhava e meu ex-marido era uma pessoa que me cobrava, se eu comprava uma blusa: pô, outra blusa... E eu não tinha o meu, então era aquela dependência financeira que hoje não saberia mais conviver com ela.

Entrevista nº 2

P - Há papéis definidos nas funções domésticas?

E - Atualmente é tudo comum. O que é necessário eu faço, o que é necessário ela faz, sem nenhuma prefixação. Mesmo naquelas tarefas que a sociedade chama masculinas ou femininas. A maioria das vezes os dois juntos. Nós não temos empregada no fim de semana, né. Então a gente faz a comida juntos. Normalmente acaba tendo uma pequenas diferençazinhas porque eu prefiro mais uma coisa, ela prefere outra, mas sempre os dois juntos na mesma hora.

P - E no primeiro casamento?

E - No primeiro casamento não, no primeiro nunca entrei na cozinha.

P - Por quê?

E - Por uma série de razões. Primeira porque nessa época, por exemplo, minha primeira mulher trabalhava duas tardes por semana, então, ficava praticamente em casa o tempo todo. No segundo casamento, trabalhamos mais ou menos a mesma carga horária; ela trabalha um pouco menos que eu, então sobra pouco tempo. Controlamos muito o tempo juntos; tudo é feito planejado sempre juntos.

P - Em termos de dinheiro e bens, como vocês organizam sua vida em comum?

E - Olha, isso antes era tudo praticamente comum, quer dizer, eu financiava praticamente tudo no primeiro casamento. Ficava toda a responsabilidade comigo; tudo que precisava eu dava. Atualmente, ela ganha o dela e nós associamos tudo; está tudo em comum. Quando eu tenho, eu pago; quando ela tem, ela paga. De repente,eu estou sem dinheiro, ela paga. Está tudo absolutamente em comum. No começo, no primeiro e no segundo ano, existem coisas separadas. Lentamente entramos num processo em que as coisas se tornaram comuns: conta conjunta, a minha caderneta passou a ser conjunta, a dela passou a ser conjunta.

P - Podemos falar um pouco sobre o lazer?

E - É absolutamente em conjunto. Todo o tempo livre que temos no segundo casamento a gente fica junto. No primeiro, não, tinha coisas separadas. Uma diferença que acho que tem aí - tem várias diferenças - é a questão dos filhos. No primeiro casamento tinha filhos, né. Então muita coisa que eu faço, que eu faria, eles não podiam participar, por exem-

plo, acampar. Então tinha um certo nível de dificuldade. Minha primeira mulher não gostava disso.

P - Mas além da dificuldade dos filhos, você tinha seu próprio lazer independente de sua mulher?

E - Sim.

P - E agora?

E - Não é que não preserve meu lazer; é que minha segunda mulher começou a participar disso. O que a gente fez foi mais um somatório do que qualquer outra coisa. Eu mantive meu lazer, o que tinha como prioridade e absorvi lazeres dela. E ela absorveu os meus.

P - Então, de comum acordo?

E - De comum acordo; a coisa foi acontecendo meio sem planejamento, de modo que antes eu não quase nunca ia ao cinema; agora vou muito mais ao cinema. Por quê? Porque ela gosta de cinema. Eu quase não ia ao teatro, agora vou mais freqüentemente. Por quê? Porque ela gosta. Então, a gente tem um tipo de lazer conjugado.

P - E quanto aos amigos?

E - A gente tem amigos comuns, poucos e mais recentes. Uma vez ou outra, uma coisa rara é para mim por exemplo, sair um fim de semana com um grupo de alunos ou de professores tomar um chope, conversar alguma coisa. Ela também faz isso.

P - No primeiro casamento os amigos eram comuns?

E - No primeiro casamento tínhamos grupos de amigos bem separados. Os amigos dela eram mais amigos que ela trouxe da juventude. E eu tinha os meus.

P - Você falou antes sobre o trabalho profissional, qual a importância que ele tem para você em relação?

E - Não sei, não sei se daria valor a isso. Isso é muito difícil. Mas em determinados momentos, pensando assim... acho que o relacionamento vale muito mais que o trabalho. Não saberia te dizer, mas aconteceu uma coisa interessante; quando me separei, né, tinha uma perspectiva bastante grande de ir morar fora do Rio, por causa de meu novo relacionamento eu não fui fazer isso.

P - No primeiro também teria feito isso?

E - Não; se tivesse algum tipo de problema em termos de escolha, não hesitaria. O trabalho estaria acima.

P - A nível de valores, como é que esses valores funcionam na relação; há conflitos?

E - Olha, o que acontece é o seguinte: o segundo, a minha segunda mulher e eu temos o mesmo tipo de valores morais; a sinceridade é muito grande, a gente não esconde nada um do outro, entendeu? é muito natural. Olha, acho que a coisa é colocada praticamente toda. Há alguma coisa, mas não é tão importante assim, quer dizer, importante no relacionamento, tá!.Eu acho que tenho alguma coisa minha que não tem nem sentido colocar. E quando acho que vai, de uma forma ou de outra, inferferir no relacionamento, aí a gente coloca, tanto eu quanto ela.

P - E no primeiro casamento?

E - Não, não. No primeiro era completamente diferente. Eu acho, não sei, talvez seja uma questão de cabeça. Porque, por exemplo, com a minha primeira mulher o nível de cultura, in

telectual, a gente era muito diferente.

P - Mas a nível de valores...

E - Uma coisa puxa a outra... Mas o problema, o que estoute falando, é que o importante é que a concordância entre a gente é tão grande que não há conflitos. Existe, talvez uma pequena modificação, quer dizer, não é nem modificação, existe um você ajeitar alguma coisa. Se eu tiver que voltar atrás numa determinada coisa, ou que eu percebo que o que estava fazendo não era legal, ou não estava percebendo o que estava fazendo, eu volto, e ela age da mesma forma. Então não teria acontecido esse tipo de problema.

Já no primeiro casamento eu tive uma dificuldade muito grande em conciliar minha realização profissional - que é um valor para mim - com a vida em comum. Investia muito no trabalho, muito tempo no trabalho e não no trabalho fora de casa, mas quando ia para casa ia trabalhar de novo; aquele trabalho em casa era a coisa mais importante que tinha. Tinha que trabalhar, não tinha como, pois estava começando minha vida.

Atualmente não depende tanto disso, então os tempos livres que tenho em casa não os uso mais para trabalhar, a não ser quando existe alguma coisa urgente, e normalmente a gente trabalha juntos. Ela diz: eu não vou fazer isso agora porque você não tem que fazer tal coisa à noite? Aí ela deixa o trabalho dela para fazer juntos à noite.

P - Como vocês resolvem as divergências de opinião?

E - O que a gente procura é chegar a um acordo e ver quem tem mais razão, entendeu? Se a gente tem opinião diferente so

bre um assunto a tentativa é natural, ela vai indo, vai indo até chegar a um acordo. A coisa vai indo, vai rolando, de repente, me vejo fazendo uma coisa que eu não pensava exatamente daquela maneira antes, mas eu não me forcei para fazer aquilo. Eu discuto, ela me dá algumas razões..foi indo, foi indo e eu naturalmente me pego fazendo aquele tipo de coisa e vice-versa.

P - E no primeiro casamento?

E - Normalmente eu tinha algumas opiniões fechadas, ela tinha opiniões fechadas e quando a gente começava a falar sobre essas opiniões, normalmente a gente tinha que parar de falar porque não se chegava a um acordo; ninguém queria abrir mão de nada. No primeiro casamento eu tomava a maioria das decisões e comunicava simplesmente. Só algumas coisas muito particulares que diziam respeito a ela, eu perguntava, mas normalmente eu tomava as decisões. Hoje em dia, a gente conversa e toma decisões até de um olhar para o outro.

P - Um outro assunto importante: a sexualidade. Você busca preferentemente seu próprio prazer sexual ou leva em conta o da parceira?

E - Não. Não tenho dúvida. Eu diria que até procuro dar prazer antes de receber. No primeiro era menos. Talvez por causa da idade, da experiência, por uma série de fatores que nunca parei para pensar.

P - Como vê as relações extraconjugais?

E - Olha não gostaria disso, mas não sei, não tenho essa coisa muito definida; eu tinha essa coisa muito definida. Uma traição seria simplesmente a separação; talvez ainda faça

isso, depende da hora, depende do momento, depende de uma série de coisas. Mas não tenho mais essa certeza.

P - E no primeiro casamento?

E - Ah! Eu faria isso, não tenho dúvida. Se aconcetesse uma traição me separaria no ato. Nem pensaria nas razões, hoje tenho dúvidas a respeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

BARWIN-LEGROS, B. (1988) Familles, mariages, divorce. Bruxelles, Pierre Mardaga Éditeur.

BASTIARD, B. e CARDIA-VONÈCHE, L. (1987) Quelques réflexions sociologiques sur le remariage et les familles composés. Dialogue: recherches cliniques et sociologiques sur le couple et la famille, nº 97, 98-103.

BERGER, P. e KELLNER, H. (1966) Le mariage et la constrution de la réalité. Dialogue: recherches cliniques et sociologiques sur le couple et la famille, 102, 6-21 (1988).

BLASSEL, J.M. (1988) Le couple, épanouissement ou évanoussement personnel? Dialogue: recherches cliniques et sociologiques sur le couple et la famille, 102, 80-85.

CHERLIN, A. (1977) Le remariage comme institution incomplète. Dialogue: recherches cliniques et sociologiques sur le couple et la famille, 97, 50-67 (1987).

ERIKSON, E. (1963) Infância e sociedade. Rio de Janeiro, Zahar Editores. 2ª ed. (1976).

FENICHEL, O. Teoria psicanalítica das neuroses. Rio de Janeiro, Livraria Atheneu (1981).

FÉRES CARNEIRO, T. (1987) Aliança e sexualidade no casamento e no recasamento contemporâneo. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 3, 3, 250-261.

FREUD, S. (1915) Los instintos y sus destinos. Obras completas. Madrid, Biblioteca Nueva, 3ª ed. vol. II.

GIUSTI, E. (1987) A arte de separar-se. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira.

GRINBERG, L. e GRIMBERG, R. (1971) Identidade y cambio. Buenos Aires, Editora Kargieman.

KAUFMANN, J.C. (1988) Que serai-je sans toi? L'individuel et le conjugal dans le processus d'indentification de soi-même. Dialogue: recherches cliniques et sociologiques sur le couple et la famille, 102, 24-32.

KUSNETZOFF, J.C. (1982) Introdução à psicopatologia psicanalítica. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira.

LEMAIRE, J. (1988) Du je au nous, ou du nous au je? Il n'y a pas de sujet tout constitué. Dialogue: recherches cliniques et sociologiques sur le couple et la famille, 102, 72-79.

——. (1989). Famille, amour, folie. Paris, Centurion.

MALDONADO, M.T. (1986) Casamento: término e reconstrução. Petrópolis, Editora Vozes.

MASCARENHAS, E. (1990) Sexualidade e Amor: Um estudo metapsicológico. Temos livres, mesas-redondas e relatórios oficiais do 18º congresso latino-americano de psicanálise. Rio de Janeiro, Imago Editora.

SINGLY, F. (1988) Um drôle de je: le moi conjugal. Dialogue: recherches cliniques et sociologiques sur le couple et la

famille, 102, 3-5.

WALKER, K., MESSINGER, L. (1979) Remarriage after Divorce: Dissolution and Reconstrution of family boundaries. Family Process, 18, 185-192.

WILLI, J. (1975) La pareja humana: relación y conflicto, Madrid, Ediciones Marota, 1978

WOODS, E. (1987) Um estudo sobre o recasamento no Brasil. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, PUC.

RECASAMENTO: UM ESTUDO DAS DIMENSÕES DE INDIVIDUALIDADE E CONJUGALIDADE

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ, e aprovada pela Comissão Julgadora formada pelos seguintes professores:

TEREZINHA FÉRES CARNEIRO
(Orientadora) PUC/RJ

JUNIA DE VILHENA
PUC/RJ

ANGELA PODCAMENI
PUC/RJ

Visto e permitida a impressão:
Rio de Janeiro, ..., ..., ...

ANA MARIA NICOLACI DA COSTA
Coordenadora de Pós-Graduação do Centro de Teologia e Ciências Humanas